

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM DOCÊNCIA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA

Antônio Cássio de Oliveira

**CINEMA COM OS PAIS: ESTÍMULO AO USO DO AUDIOVISUAL NO PROCESSO
EDUCACIONAL E NA APROXIMAÇÃO ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA**

Belo Horizonte

2015

Antônio Cássio de Oliveira

**CINEMA COM OS PAIS: ESTÍMULO AO USO DO AUDIOVISUAL NO PROCESSO
EDUCACIONAL E NA APROXIMAÇÃO ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação e Cinema, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Clarisse Alvarenga

Belo Horizonte

2015

Antônio Cássio de Oliveira

CINEMA COM OS PAIS: ESTÍMULO AO USO DO AUDIOVISUAL NO PROCESSO EDUCACIONAL E NA APROXIMAÇÃO ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Educação e Cinema, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Clarisse Alvarenga

Aprovado em 09 de maio de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Ma. Clarisse Maria Castro de Alvarenga – Faculdade de Educação da UFMG

Profa. Célia Abicalil Belmiro (DMTE/FaE/UFMG)

AGRADECIMENTOS

A Deus por guiar meus passos para que eu pudesse percorrer mais essa caminhada.

À Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte (SMED) por oportunizar essa formação.

A esta instituição (FaE - UFMG), pela oferta do curso e de um corpo docente tão qualificado.

Aos professores, pela dedicação, pelo empenho e pelo incentivo.

À Clarisse, minha orientadora, pelo suporte apresentado, mesmo com o pouco tempo que lhe coube, pelo incentivo e pelas correções.

Às gestoras da Escola Municipal Maria da Assunção de Marco, pela compreensão, participação e apoio.

Aos estudantes e seus familiares, pela importante contribuição para que esse trabalho fosse realizado.

À minha família (esposa e filho), pela cumplicidade de sempre.

Aos colegas de curso que, pela parceria e boa convivência, contribuíram para que a tarefa fosse menos árdua.

A todos que de forma direta ou indiretamente fizeram parte dessa caminhada, o meu muito obrigado.

“Da altura extrema da cordilheira, onde as neves são eternas, a água se desprende e traça um risco trêmulo na pele antiga da pedra: o Amazonas acaba de nascer. A cada instante ele nasce. Descende devagar, sinuosa luz, para crescer no chão. Varando verdes, inventa o seu caminho e se acrescenta. Águas subterrâneas afloram para abraçar-se com a água que desceu dos Andes. Do bojo das nuvens alvíssimas, tangidas pelo vento, desce a água celeste. Reunidas elas avançam, multiplicadas em infinitos caminhos, banhando a imensa planície cortada pela linha do equador. {...}”

Thiago de Mello

RESUMO

No segundo semestre do ano de 2014, desenvolvemos na Escola Municipal Maria da Assunção de Marco, um trabalho de intervenção pedagógica relacionando o cinema à educação. Este trabalho relata e analisa essa experiência. Com o intuito de estimular o uso do audiovisual como ferramenta pedagógica, foram feitas algumas exibições de filmes no auditório da escola, no período noturno, destinadas aos alunos e também aos seus familiares. A extensão das atividades aos pais dos educandos teve o objetivo de mostrar-lhes que o cinema pode ser de grande valia no processo educacional e também o de promover a aproximação entre família e escola. Antes de iniciar as apresentações dos filmes os pais dos alunos receberam um questionário no qual manifestaram algumas de suas opiniões sobre o uso do cinema na escola. As exibições de filmes aconteceram nos meses de outubro, novembro e dezembro. Todas as sessões foram comentadas, isto é, foi promovido, após as exibições, debate sobre o filme e os temas nele tratados. Como atividade complementar, fizemos apresentações de filmes, nos horários regulamentares das aulas, destinadas aos alunos e para as quais, além do comentário oral, elaboramos questionário escrito. A frequência nas sessões destinadas aos pais foi pequena, mas, ainda assim, foi possível constatar aspectos positivos das mesmas. Embora de forma lenta, houve aumento no número de participantes durante o transcorrer das atividades. Todos que estiveram presentes manifestaram-se de forma positiva em relação ao uso do cinema na escola e sobre suas participações no projeto. Isso pôde ser constatado através de declarações escritas, de manifestações orais e também por observação das atitudes dos participantes. O caráter social, no que tange ao relacionamento entre os familiares, bem como a aproximação entre pais e escola, também merece ser ressaltado. Foi fácil perceber a pouca familiaridade dos participantes com o cinema, mas foi possível sentir que as atividades com o audiovisual nas escolas podem, mesmo que de forma lenta, serem aceitas e reconhecidas pelos pais. Ao final das atividades, os pais que tiveram uma participação regular no desenvolvimento das mesmas já visualizavam, com alguma clareza, a associação entre cinema e educação.

Palavras-chave: Alunos, educação, escola, cinema, família, filme, pais.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES (QUADROS)

1. Grau de instrução dos responsáveis (escolaridade).....	32
2. Familiaridade com o cinema (uso do cinema como atividade rotineira da família)	33
3. Local onde a família, incluindo os estudantes, vê filmes	33
4. Motivo que leva a família a assistir filmes.....	33
5. Opinião dos pais sobre o uso do cinema nas escolas	34
6. Disposição dos pais em participar do projeto de educação e cinema.....	36

LISTA DE ILUSTRAÇÕES (GRÁFICOS)

1. Escolaridade dos responsáveis pelos alunos.....	32
2. Motivação dos familiares para se ver filmes.....	34
3. Opinião sobre o uso do cinema (audiovisual) nas escolas (Pais).....	35
4. Opinião sobre o uso do cinema (audiovisual) nas escolas (Mães).....	35
5. Disponibilidade dos pais dos alunos para participar do projeto.....	35
6. Evolução da presença de pais e alunos no período da exibição de filmes.	46

TABELAS

1. Resultados apresentados pela turma 305 (8º ano).....	51
2. Resultados obtidos pelos alunos da Turma 309 (9º ano).....	52

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.1. MEMORIAL	13
1.1.1 DOCÊNCIA	20
2. O PROJETO E SUA IMPLEMENTAÇÃO	25
2.1. DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES PRÁTICAS	29
2.2. ATIVIDADES COMPLEMENTARES COM OS ESTUDANTES	48
3. ANÁLISE DOS RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	61
5. FILMOGRAFIA	62
6. APÊNDICES	63
7. ANEXOS	78

1. INTRODUÇÃO

Ao iniciar os estudos em Educação e Cinema, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para a Educação Básica – LASEB (FaE – UFMG)¹ e conscientizar-me de que seria necessário implementar um plano de intervenção pedagógica relacionado ao cinema, tive certo receio. Temia a resistência dos familiares, em relação ao uso do audiovisual (cinema) na escola. O temor estava relacionado às observações que vinham sendo feitas, em minha prática pedagógica, desde quando comecei a fazer uso desse recurso. Por essas observações tenho percebido a desconfiança de alguns familiares, quanto às práticas pedagógicas não tradicionais. Tenho observado que para um grande número de pessoas o audiovisual se enquadra nessa categoria, apesar de o seu uso como instrumento de auxílio no processo de aprendizagem já ser adotado há bastante tempo.

A desconfiança e até mesmo o desprezo pelo uso do cinema na escola pode ser percebido também entre os estudantes. Em relação a esses, é bastante provável, que ela esteja relacionada às orientações recebidas em casa, pois boa parte deles quando sabem, antecipadamente, que terão aula por meio de audiovisuais (filmes) demonstra algum receio. Entre os vários questionamentos costumam surgir perguntas, como, que tipo de filme será mostrado, se será necessário, de fato, participar, se será filme nacional etc. Além disso, há os que não comparecem, assumindo a falta no dia programado. Já tive alunos que pediam para se ausentarem da sala porque não podiam ver filmes. Já tive, também, alunos que se retiravam da sala no momento de reprodução de uma música, mesmo quando usada na introdução de um tema ou para motivar a realização de um exercício. Alegavam, para o impedimento, questões religiosas, uma vez que só poderiam ouvir, músicas que exaltassem o Senhor. Essas situações, embora ocorram em número reduzido, têm sido encontradas algumas vezes. Encontramos, em nosso cotidiano, também alunos que ao saberem que a aula será por intermédio de audiovisual ficam contentes, mas não pelo fato de aprenderem sobre algum tema de uma forma diferente, mas por acreditarem que sendo vídeo não terão tarefas a serem cumpridas. Quando percebem que se trata de aprendizagem e não apenas de recreação, mudam de humor e de comportamento.

¹ Faculdade de Educação – Universidade Federal de Minas Gerais.

Para um grande número de alunos todo audiovisual ou imagem é filme, ainda que o que se veja seja apenas ilustrações, como um mapa ou um gráfico. Basta ser exibido através de um projetor para que se torne filme.

“Professor, você não vai passar filme pra gente?, É filme, professor?, Você nem passa mais filme!, Ah, não trouxe material, porque você falou que era filme!, Ah, não vou à aula não; é só filme!, É filme de terror, professor?, Ainda vai demorar muito pra acabar o filme?, Acabou o filme?, Que filme “paia”!, Ah, nem foi aula!”.

Esses e vários outros questionamentos são atitudes que boa parte dos alunos tem quando se trata do uso do vídeo na escola, o que, por vezes, tem gerado certo desconforto em usá-lo. Tais comportamentos, porém, que por vezes podem ser desmotivadores, servem também de elementos impulsionadores para que busquemos novos conhecimentos e novas técnicas no sentido de aprimorar o uso dos audiovisuais no processo educacional.

O uso do cinema nas escolas brasileiras não é prática recente. Há quase cem anos ele vem sendo utilizado nas instituições de ensino, para ilustrar e também apresentar conteúdos. A difusão do audiovisual como ferramenta pedagógica tem acontecido de maneira gradual, porém em ritmo bastante lento. Os motivos para sua difusão ocorrer de forma vagarosa são muitos. O Brasil é um país de dimensões continentais e nessa grande extensão os contrastes são imensos. Ainda hoje muitos habitantes desse imenso território não têm acesso ao cinema e na maioria das cidades não há sequer uma sala de exibição.

O Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE) foi uma iniciativa governamental que tinha como um de seus objetivos a produção de filmes educacionais. Instituído em 1937, embora já atuasse desde o ano anterior, atuou até 1966. Em seus trinta anos de atuação, produziu centenas de filmes, tendo dado sua parcela de contribuição à educação e à cultura do país. O Brasil era um dos poucos países que tinha uma grande produção cinematográfica destinada à educação. Ainda hoje vários dos filmes produzidos por ele continuam sendo utilizados. O aproveitamento dos mesmos, pelas escolas, certamente, não ocorreu da forma esperada.

O fato de ter sido criado por uma ação governamental, a desconfiança de boa parte dos educadores, a falta de estrutura da maioria das escolas, além de outros fatores, não permitiram que os objetivos do Instituto fossem plenamente alcançados.

Produzir e distribuir filmes eram atribuições do Instituto, mas a existência dos mesmos não era garantia de que seriam aproveitados no sistema educacional,

{...} De qualquer maneira, ter o projetor na escola não significava que o filme, ainda assim, fosse visto. Atualmente, mesmo com os modernos recursos de TV e DVD, muitas instituições de ensino não os utilizam. Isso mostra que o interesse do professorado sobre cinema, desde aquela época, não parecia ser dos mais entusiasmados {...}. (CARVALHAL, 2008, p. 89).

As instituições (escolas) recebiam os filmes, mas, por vezes, mesmo tendo a estrutura adequada para a exibição, podia não fazer uso desse recurso. A desconfiança e resistência por parte de grande parte dos educadores com o uso do audiovisual vêm de longe e quando o professor não se dispõe a adotar determinados recursos pedagógicos seu uso pode ser bastante comprometido.

Em 1966 o INCE cedeu lugar ao Instituto Nacional de Cultura (INC). Vinculado a esse foi criado o Departamento de Filmes Educativo (DEF). Em 1969 foi criada a Empresa Brasileira de Filmes S/A (Embrafilme) com a incumbência de distribuir e promover filmes brasileiros no exterior, além de promover mostras e festivais. Em 1976 ocorreu a fusão da Embrafilme com o INC. O DFE foi transformado em Departamento de Filme Cultural (DNC), subordinado à Diretoria de Operações Não Comerciais (DONAC). A Embrafilme foi extinta em 1990.

Em 2001 foi criada a Agência Nacional do Cinema (ANCINE), que tem a missão de desenvolver e regular o setor audiovisual em benefício da sociedade brasileira.

Todas essas instituições deram suas contribuições para a difusão do audiovisual. No processo educacional, certamente, o INCE foi o que deixou o maior legado, pois além do acervo, foi o precursor dos demais. Quase oitenta anos após sua criação, porém, o audiovisual ainda é usado, no sistema educacional, de forma bastante limitada. Os motivos para a limitação são vários.

Boa parte das escolas não tem estrutura apropriada para a exibição de filmes. Faltam salas adequadas, equipamentos e pessoal qualificado. Há, ainda, vários outros fatores que dificultam o trabalho com audiovisuais, inclusive as dificuldades impostas por alguns gestores. Essas dificuldades existem nos dias atuais. Imagino como era na primeira metade do século XX, quando em muitas de nossas escolas nem a energia elétrica estava presente.

Após o advento do videocassete (década de 1980) várias escolas passaram a contar com o equipamento, acompanhado de um televisor, e isso facilitou o trabalho

com os audiovisuais. A inabilidade dos professores e de outros profissionais da escola, porém, muitas vezes, continuou sendo um fator dificultador.

A *internet* (década de 1990) abriu caminho para que um número muito maior de instituições e, principalmente, de pessoas passassem a ter acesso às várias fontes de informação e também os audiovisuais entraram na lista de possibilidades. Em poucos anos, no Brasil, as diversas mídias passaram a fazer parte do cotidiano de um número cada vez maior de pessoas.

A difusão da tecnologia digital que permitiu a redução do tamanho dos equipamentos eletrônicos e também do preço dos mesmos, propiciou a aquisição e uso de aparelhos produtores e reprodutores de imagem, não só por instituições, mas também por um grande número de pessoas.

Os equipamentos móveis passaram a ser instrumentos de consumo e uso de boa parte da população, inclusive os nossos alunos. Com isso a possibilidade de se ver um filme, individualmente, ou acompanhado (em grupo), em vários lugares, tornou-se uma realidade.

A maioria dos adolescentes tem aparelhos, como, *iphones*, *smartphones*, *tablets* e outros, que lhes permitem estar sempre conectado ao mundo virtual. Isso lhes dá a oportunidade de ter acesso a uma infinidade de filmes, além de outros conteúdos. O que estão assistindo, pode até ser questionado, mas, certamente, uma boa parte do que veem pode ser positivo para o processo educacional dos mesmos.

O acesso às diversas formas e fontes de informação pode causar turbulência no processo de aprendizagem, pois fazer escolhas e filtrar conteúdos que devam ser assimilados não é tarefa fácil. Essa prática, porém, constitui, também, uma forma de aprendizagem e certamente tendo, os educandos, orientação e acompanhamento eficientes terão uma ferramenta de grande valor. Ressalta-se que as várias fontes de informação podem ou não, serem utilizadas. Assim, é preferível que tenhamos várias maneiras de se buscar informação e conhecimento a não termos nenhuma, ou as termos de forma limitada. Muitos alunos nesse país nunca tiveram essa oportunidade. As fontes de informação eram bastante limitadas.

Eu faço parte de um grupo uma geração que na infância e juventude teve pouco acesso à informação e conseqüentemente, um processo de escolarização feito com várias dificuldades.

1.1. MEMORIAL

Nascido na zona rural de um pequeno município mineiro, a educação (escolarização) para mim foi um processo difícil e minha relação com o cinema mais complicada, ainda. O primeiro contato com as letras (com a escrita) aconteceu em família. Meu pai acreditava que seria importante que aprendêssemos a ler e escrever antes de sermos encaminhado para a escola. Aos cinco anos foram iniciadas as primeiras lições. A Cartilha da Infância foi o livro básico. Não foi necessária a aquisição do mesmo, uma vez que minha irmã já havia passado pelo mesmo processo, estando, inclusive, frequentando a escola nessa mesma época.

Meu pai gostava de leitura, apesar de não ter sido escolarizado em uma instituição de ensino regulamentar. Minha mãe também não tinha escolarização. Lia e escrevia, com algumas dificuldades, mas, como diziam os dois, sabiam o suficiente para o necessário. Meu pai costumava dizer que não tinha sequer a quarta série, mas vivia muito bem assim. Apesar de gostarem de ler, os livros não faziam parte dos bens de consumo da família. Praticamente, não havia livros em nossa casa.

Meus pais não tinham nenhuma didática, mas acreditavam que sabiam ensinar a ler e escrever. Identifiquei-me perfeitamente quando li o livro, Infância de Graciliano Ramos², pois meu processo de alfabetização foi parecido com o relatado naquele livro.

Com alguns percalços no processo e contando também com a ajuda de minha irmã, aos sete anos, quando fui para a escola, conhecia o alfabeto, lia e escrevia algumas frases.

A primeira escola, a mesma em que minha irmã havia estudado, ficava em um sítio e estava a cerca de três quilômetros de nossa casa. Era uma pequena sala onde todos os alunos estudavam juntos. Primeira, segunda e terceira séries do primário compartilhavam o mesmo espaço e a mesma professora, que era a proprietária do sítio. Ao nosso lado, enquanto estudávamos, seu esposo cuidava dos animais; vacas, bois, cavalos, porcos e outros.

Por problemas de saúde a professora precisou afastar-se de sua função e, ao final daquele ano, as atividades naquela escola foram interrompidas.

² Graciliano Ramos relata em Infância o trauma das primeiras lições. Seu pai não tinha vocação para o ensino, mas quis meter-lhe o alfabeto na cabeça. Houve resistência de sua parte e o resultado foi desastroso.

No ano seguinte, então, com oito anos de idade, fui matriculado em outra escola. Um pouco mais longe de minha casa, pois ficava a cerca de quatro quilômetros, tinha uma estrutura um pouco melhor que a anterior. Era constituída de apenas uma sala, mas em um espaço (lote) exclusivo. Havia também uma fossa³ destinada à comunidade escolar.

As aulas eram ministradas em dois turnos, manhã e tarde, sendo que pela manhã estudavam os alunos da segunda e terceira série e à tarde, os da primeira. Nessa escola eu permaneci por dois anos e meio, estudando no turno da manhã. A progressão em série, não avançou além da segunda, pois no terceiro ano de minha presença na escola não foi oferecida a terceira série.

Nesse período tomei contato, indireto, com o mundo exterior, através de um rádio de pilha adquirido por meu pai. Vale lembrar que até então minha vivência e conhecimento estavam restritos a um raio de dez quilômetros de distância de nossa casa.

Em meados do ano de 1966, a aquisição de uma nova propriedade rural, por parte de meu pai, fez com que mudássemos de domicílio. O segundo semestre daquele ano foi feito em uma escola do estado no município onde havíamos ido morar. Novamente estudei em turma híbrida, pois a mesma professora ministrava aulas para a segunda e terceira série. Pela primeira vez estudava em uma escola onde havia uma professora formada para a função. Era ela a diretora da escola e também a regente (professora) dos alunos da quarta série. Consultada pela professora da segunda e terceira série, a quem eu tinha entregado a folha de caderno com as explicações de como eu me encontrava nos estudos, uma espécie de boletim, permitiu que eu frequentasse a terceira série, mas recomendou-me que fosse adquirido o livro de apontamentos, uma vez que eu não tinha a matéria trabalhada no primeiro semestre.

Essa escola era próxima à nossa casa. Ficava distante apenas um quilômetro e meio. O prédio contava com banheiros, mas eles não podiam ser usados porque não havia água. No terreno também havia a fossa que era utilizada pelos alunos.

Em nenhuma das escolas onde, até então, havia estudado existia o hábito de os alunos deixarem a sala de aula. As idas à fossa ou ao mato eram raras e tomar água também não era comum. Nessa escola, porém, foi colocado um filtro de barro,

³ Cavidade no solo para o despejo de dejetos. Local onde se fazia as necessidades fisiológicas.

que por sinal fez muito sucesso, e nos primeiros dias a rotina foi quebrada, pois vários alunos queriam deixar a sala para tomar água. Tinham a incumbência de portar as canecas, pois não havia nenhuma à disposição. Com o passar dos dias o filtro deixou de ser novidade e a sede dos alunos desapareceu.

No ano seguinte não houve alunos suficientes para que se formasse uma turma de quarta série. A diretora sugeriu que os alunos repetissem a terceira série, pois para o próximo ano o número de estudantes seria maior e a quarta série voltaria a ser ofertada. Meu pai não concordou. Disse que eu não repetiria novamente, uma vez que isso já havia acontecido na escola anterior. Tirou-me da escola. Disse que minha irmã tinha cursado apenas a terceira série e eu também ficaria apenas com esse nível de escolarização. Fiquei muito aborrecido com sua atitude. Embora não costumasse questionar suas decisões, fiz algumas ponderações. Disse que gostaria de cursar a quarta série e que me dispunha a caminhar até a escola do outro distrito, que ficava a pouco mais de seis quilômetros de distância. De início ele não concordou, mas com a insistência, minha vontade foi satisfeita.

Em 1967 concluí o primário naquela escola. Apesar da distância, foi um dos melhores anos da minha vida. Excetuando a troca de professoras, que ocorreu no transcorrer do ano, não tive nenhum percalço. Sempre tinha sido um bom aluno, mas naquele ano me superei. Tive um grupo de colegas com os quais me dava muito bem. Gostava muito das professoras e era querido por todas. Fui escolhido, pelos colegas, para presidir o Clube da Leitura, organização que mantínhamos na escola. A aprendizagem fluiu sem problemas. Ao final do ano fui premiado, juntamente com duas colegas, pelos bons resultados alcançados.

O bom desempenho naquela etapa fazia com que eu sonhasse em prosseguir nos estudos. Vários de meus primos já cursavam o ginásio e eu acreditava que pudesse seguir esse caminho. No ano seguinte, porém, o sonho não se concretizou. Fiquei muito contrariado, pois pensava que meu pai pudesse permitir que eu me mudasse para uma cidade, onde moraria com um de meus tios, para dar prosseguimento aos estudos. Essa possibilidade, entretanto, não estava em seus planos. Mais tarde pude compreender seus motivos, mas naquele momento eu não entendia.

Fiquei no sítio trabalhando. A rotina na roça era dura. À medida em que meu tamanho e minha idade aumentavam, as tarefas e responsabilidades com o trabalho aumentavam em um ritmo mais acelerado. A visão de mundo voltou a ficar restrita a

uma pequena dimensão territorial. Raramente me distanciava da propriedade, a não ser para comprar alguma coisa necessária ao cotidiano da mesma. As notícias do mundo exterior restringiam-se às ouvidas no rádio e em conversas com algumas pessoas da redondeza ou trabalhadores do sítio. Deles ouvia informações que eles também sabiam por ter escutado no rádio. Mais tarde cogitei fazer, por correspondência, o curso de Madureza Ginásial, mas alguns obstáculos inviabilizaram os planos.

Assim como quase tudo em minha vida, também o contato com as imagens (o audiovisual) ocorreu tardiamente. A primeira vez que vi um aparelho de televisão funcionando já tinha quinze anos. A experiência aconteceu na sede do município onde ficava localizada a propriedade rural de meus pais. A cidade ficava a cerca de onze quilômetros e até aquele momento eu não a conhecia. Meu tio me chamou para que fôssemos ver um jogo de futebol pela televisão. Considerei a ideia interessante, pois estava pensando em fazer, por correspondência, um curso de rádio e televisão e aquela seria a oportunidade de ter o primeiro contato com a imagem de um televisor. Achei horrível. Sinal fraquíssimo. Imagem em preto e branco, com tanto chuvisco que, às vezes, era difícil identificar o que estava sendo mostrado. O programa foi frustrante, mas a ideia do curso não foi demovida.

Cerca de dois anos mais tarde o pároco da região que, mensalmente, celebrava a missa na igreja da vila, avisou, durante a celebração, que à tarde exibiria algumas imagens em um equipamento que havia adquirido para a paróquia da cidade onde morava. Após a missa circulou, de boca em boca, pela vila, a notícia de que haveria filme na igreja e muita gente foi para assistir. Entre os compareceram eu também estava. Acreditava que, enfim, iria conhecer o cinema.

O equipamento que conhecemos naquele dia era um projetor de *slides*, acionado a bateria. Após muitas tentativas e falhas, não sei se do equipamento ou do operador, que era o próprio padre, foram mostradas várias imagens, todas relacionadas ao catolicismo, é claro.

Apesar dos problemas e da claridade do ambiente, considerei o evento interessante, mas saí sem saber o que tinha visto. Seria assim o cinema? Sei que muitos colegas gostaram e tiveram a mesma dúvida, mas ninguém se atrevia a elogiar, afinal alguns do grupo, embora poucos, já transitavam pelas cidades de maior porte e talvez conhecessem, de fato, o cinema. O melhor, então, era concordar com eles que aquilo havia sido ruim e que não era filme.

Ainda no sítio fiz o curso de eletrônica, por correspondência. Enfrentei uma série de dificuldades, começando pelo pouco conhecimento construído no ensino primário, sobretudo os relacionados à matemática, e culminando com a falta de energia elétrica para se realizar as soldagens exigidas nas experiências práticas.

Mais tarde a luz chegou à vila e junto com ela, a televisão. Poucos privilegiados, porém, puderam desfrutar do luxo de se ter um televisor em casa. Nas transmissões de eventos esportivos, mais precisamente quando aconteciam jogos de futebol, e também durante as novelas, a concorrência por um lugar no chão da sala dessas casas, ou nas soleiras das janelas, era grande. Filme, entretanto, parecia não ser do gosto dos donos. Sei que durante os dois anos que ainda ali permaneci, nunca assisti a um filme na televisão.

Com vinte e um anos de idade saí do campo e fui viver em São Paulo. Trabalhando em obras e morando em alojamentos, distanciei-me ainda mais da televisão e durante um longo tempo nem mesmo às partidas de futebol pude assistir.

Após uns três meses na cidade já me sentia ambientado e decidi aventurar-me pela região central, que, aliás, já conhecia. Tinha apenas os domingos para me divertir e entre outras experimentações o cinema passou a ser a diversão preferida. Era comum ver dois ou três filmes aos finais de semana. Não fazia distinção de gênero, gostava de praticamente todos. Conhecia várias salas (vários cinemas) e me sentia bem no recinto. A primeira vez, no entanto, foi uma batalha. Matuto do interior eu temia várias coisas. Passei pela porta cerca de umas cinco vezes no mesmo dia. Observava o movimento, mas não me arriscava a entrar, afinal, não sabia o que iria encontrar lá dentro.

O primeiro filme foi assistido em um cinema de bairro. Na fila do mesmo cinema, em outra oportunidade, conheci a primeira namorada paulista, que se não foi minha grande paixão, ajudou-me a apaixonar, ainda mais, pelo cinema. Assistir filmes era minha diversão preferida e também a dela. Essa predileção fez com que nos aproximássemos e esteve presente em nossa convivência por um bom período.

Um dos motivos que me fez deixar o interior e mudar-me para a cidade grande foi o desejo de voltar a estudar. Quando cheguei em São Paulo com um diploma de curso primário e um de radiotécnico, por correspondência, entendi que os estudos não poderiam ser apenas um desejo, mas sim, uma necessidade. Percebi que sem estudo as oportunidades na cidade grande seriam limitadíssimas.

No campo enfrentava trabalho duro. Na cidade essa característica não mudou. O baixo rendimento, porém, impedia que os estudos fossem retomados. As horas extras de trabalho que era obrigado a fazer, além de consumir o tempo, me causava cansaço.

Nos últimos anos de trabalho e residência em São Paulo, diminuí a frequência aos cinemas e, comprando apostilas em cursinho e em bancas de revista, voltei a tomar contato com as matérias do ensino fundamental. Não pude freqüentar escolas regulares pela falta de tempo e também pela necessidade freqüentar aulas profissionalizantes com a finalidade de aprimorar os conhecimentos técnicos em eletrônica e, assim, trabalhar na profissão.

O tempo passou e São Paulo foi trocado por Belo Horizonte. O cinema continuou como diversão predileta. Domingo era dia de desfrutar do mesmo. Às vezes, também o sábado. Por que não a sexta-feira, a quinta, a quarta, afinal, em todos os dias havia filme sendo exibido. A situação financeira estava um pouco melhor. Podia, então, dar-me ao luxo de freqüentar o cinema com maior frequência. Por várias vezes escolhia as sessões duplas e repetia o primeiro filme e já ocorreu de repetir os dois. Sete horas no cinema. Deveria extenuar-me, mas isso não acontecia. Costumava dizer que conhecia todos os cinemas da cidade e sabia até onde estavam os estragos nas cadeiras. É claro que exagerava um pouco, mas todas as salas e os melhores lugares eu conhecia. Por diversas vezes, pelo envolvimento com as histórias dos filmes ou apenas por desligar-me da realidade, perdia a noção do tempo e não me lembrava se era dia ou noite, até que saía do cinema.

Como trabalhava com manutenção de aparelhos eletrônicos, tinha bastante tempo para ver televisão. Comecei a perceber a força do audiovisual como instrumento de aprendizagem e passei a usar os programas para a aprendizagem. Os programas educativos, entretanto, eram poucos e eu precisava acelerar meus estudos. Matriculei-me em uma instituição de ensino para cursar o Supletivo de Primeiro Grau. Estudando no cursinho e em casa, em 1981, concluí essa etapa. Dei prosseguimento cursando algumas matérias do segundo grau e estudando também em casa e em 1982 terminei também ensino médio.

Os estudos e as visitas à casa de uma namorada que vivia no interior fizeram diminuir a frequência ao cinema, mas duas ou três sessões semanais eram certas.

O casamento ocorrido também no ano de 1982 e o aumento das responsabilidades fizeram com que os estudos fossem paralisados. As necessidades financeiras determinavam as ocupações. Como não havia, nesse momento, curso superior noturno oferecido pela UFMG e para as particulares não havia o dinheiro para as mensalidades, o sonho da graduação foi interrompido. Dois anos depois veio o filho e as responsabilidades com o trabalho foram se avolumando. A faculdade podia esperar, uma vez que os compromissos naquele momento não permitiam que ela fosse cursada.

Em 1993, já com vários cursos sendo oferecidos pela UFMG, no período noturno, prestei vestibular para Geografia e em 1994 ingressei-me nos estudos. O início foi muito difícil, pois eu continuava trabalhando em torno de dez a doze horas por dia e à noite estava exausto. O longo tempo longe dos bancos escolares, aliado a uma formação básica deficiente, foi outro obstáculo que precisou ser vencido.

Os trabalhos acadêmicos alongavam-se madrugada adentro e por vezes chegavam ao outro dia. Em momento algum, porém, pensei em desistir.

À medida em que os anos se passavam o gosto pelo estudos aumentava e a dedicação também. Muitos colegas tomaram outros caminhos. Alguns atrasaram, outros trocaram de curso e houve os que desistiram. Eu segui em frente. Perseverei. Persegui meu sonho, meu objetivo. Em alguns momentos a questão financeira falou alto. Passei por várias dificuldades e acumulei dívidas, mas não desisti. O lanche não era necessário e, quase sempre, deixava de ser feito. As cópias (xérox), por várias vezes, eram divididas entre os colegas. Um fazia a leitura e depois passava para o texto para o outro e, assim, seguíamos em frente.

Licenciatura inicialmente era por ser a única opção no noturno. Após alguns períodos tornou-se meta. Não se pensava mais em outra coisa a não ser na regência. Após o início das disciplinas pedagógicas e, principalmente, dos estágios, virou obsessão. O desejo era concluir o curso e tornar-me professor.

Em 1999 o curso foi concluído. Senti-me vitorioso, pois mesmo estando com quarenta e quatro anos e tendo passado longos períodos sem estudar, integralizei o curso no tempo previsto e sem ter repetido nenhuma matéria.

1.1.1. DOCÊNCIA

Ao final do ano de 1999 iniciei a carreira docente. Foram poucos os dias de trabalho substituindo um professor licenciado em uma escola estadual. O projeto “A Caminhos da Cidadania” aumentou minha empolgação. Afinal, estava trabalhando com pessoas adultas que, assim como eu havia feito, estavam retomando seus estudos.

No ano de 2000 novamente o projeto. Duas turmas apenas, mas como me realizava! Nessas turmas comecei a trabalhar usando o recurso do cinema. Como as aulas eram poucas e o tempo corrido, cheguei a fazer várias cópias de filmes e emprestar aos alunos para que pudessem ver em suas casas. Considerava o retorno muito positivo.

Em agosto daquele ano, porém, as turmas foram reduzidas e por questão de classificação no grupo de professores, uma vez que eu era o novato, não pude continuar no projeto e tive de deixar as aulas.

Ainda no ano de 2000 consegui aulas em outro colégio estadual e trabalhei o restante do ano com seis turmas do ensino fundamental. Nessa escola o uso do audiovisual não foi possível.

Em 2001 voltei a trabalhar no ensino fundamental, em outra escola, como designado. No mesmo ano fui aprovado para a função de professor no concurso realizado pela Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais e nomeado no ano seguinte. Assumi a função na mesma escola onde trabalhava como designado. Nessa escola, localizada no município de Sabará, havia um videocassete e uma televisão, onde era possível passar alguns audiovisuais para os alunos. O local não era o mais apropriado, uma vez que estavam instalados na biblioteca, mas, por várias vezes, fiz uso dos mesmos. No transcorrer de 2002 o televisor, bem como outros equipamentos da escola, foi furtado e ficamos, por alguns dias, impossibilitados de usar aquele recurso didático. Doei, para a escola, um televisor velho que eu tinha para que pudessemos trabalhar fazendo o uso de filmes.

Também em 2002 fui designado para o segundo cargo, onde trabalhava com alunos do ensino médio, permanecendo nele até o ano de 2005, quando o deixei por ter sido nomeado pela Prefeitura Municipal de Contagem, onde assumi a função de

professor na Escola Municipal Professora Ana Guedes Vieira. Continuei trabalhando em um cargo, na rede estadual.

A Escola Municipal Professora Ana Guedes Vieira, situada em Nova Contagem, dispunha de vinte salas de aula. Para as vinte turmas havia apenas uma sala de vídeo, onde estava à disposição: um computador com DVD integrado, um aparelho de videocassete e um televisor de vinte e nove polegadas. Como era disputada aquela sala! Alguns professores a reservavam com grande antecedência. Poucas vezes consegui usá-la. Para as aulas da escola estadual eu tinha conseguido solucionar os problemas recorrentes. Comprei um televisor de 14 polegadas e um aparelho de videocassete. Levava para a sala de aula e não disputava espaço com ninguém. Para a escola de Contagem, porém, como o percurso era feito de ônibus e metrô, não havia essa possibilidade.

Apesar das dificuldades de transporte, além de outras, o período de trabalho em Nova Contagem foi de grande crescimento profissional. O local estava a quase cinquenta quilômetros de distância de minha residência. Eram quase quatro horas diárias de ônibus, metrô e, às vezes, caminhada. As dificuldades, talvez por serem compartilhadas por quase todo o grupo de trabalho, eram vencidas com o empenho e a participação de todos.

Nesse período participei de cursos de capacitação ofertados pela SEDUC em parceria com outras instituições. Como exemplos de cursos freqüentados estão: “DESAFIOS DA ESCOLA EM TEMPOS DE MUDANÇA”, promovido pelo Observatório da Juventude da UFMG e a Secretaria de Educação de Contagem e DIÁLOGO COM A EDUCAÇÃO & MEIO AMBIENTE, ofertado pela parceria entre a COPASA,⁴ Prefeitura de Contagem e YKS Serviços LTDA⁵. Integrei também o CISA (Comitê Intersetorial de Sustentabilidade Ambiental) para a região de Nova Contagem, projeto desenvolvido pela YKS, COPASA e SEDUC⁶.

Em 2008 participei do concurso para Professor Municipal de Geografia da Prefeitura de Belo Horizonte. Tendo sido aprovado e nomeado, assumi a função na Escola Municipal Maria da Assunção de Marco, Regional Nordeste, onde permaneço trabalhando até os dias atuais. Nesse período tenho participado regularmente dos

⁴ Companhia de Saneamento de Minas Gerais

⁵ Empresa de consultoria estratégica e técnica na área ambiental.

⁶ Secretaria de Educação de Contagem.

cursos de capacitação ofertados pela SMED. Participo também de alguns projetos desenvolvidos na escola com destaque para o Circuito de Museus.

Honestamente, hoje já não tenho o mesmo entusiasmo que tive no início da carreira. São muitos os obstáculos enfrentados no desempenho da profissão. Muitas vezes busco motivações para integrar-me melhor ao mundo dos adolescentes, mas tenho que reconhecer que a concorrência no mundo deles é muito forte. O uso de imagens, como o cinema, o teatro, os museus e outras formas de interação são ferramentas que venho tentando, mas, os resultados, muitas vezes, não são os esperados. Estamos trabalhando com uma geração que não valoriza os estudos como minha geração valorizava. Precisamos conscientizá-los de que o conhecimento pode ser o caminho para uma vida melhor e, principalmente, para a conquista da cidadania.

A busca pela especialização em Educação e Cinema foi por acreditar na educação e por acreditar na força da imagem como agente de motivação no processo de aprendizagem e também de instrumento facilitador da compreensão de fatos e fenômenos. Tenho feito uso constante desse recurso em sala de aula. Por vezes, porém, tenho observado que os resultados estão aquém do esperado. Ao se comentar, com alguns pais sobre o uso de audiovisuais e observar a desconfiança dos mesmos em relação à essa prática, fico preocupado. Percebo que muitos não compreendem a dimensão educacional do uso de imagens. Provavelmente há o receio, também, de que seu(sua) filho(a) esteja tendo acesso a conteúdo inadequado ou simplesmente que o professor esteja se eximindo de dar aulas. Considero que uma melhor capacitação nessa área possa fazer com que trabalhe esse recurso de melhor forma e que a partir daí sejam ampliadas as possibilidades de obtenção de sucesso na aprendizagem dos educandos.

Acredito que o curso tem me trazido subsídios, não só para uma melhor sistematização no uso dos audiovisuais, em sala de aula, como também em um conhecimento básico sobre essa arte. Além disso, penso na possibilidade de produção (filmagem e edição) de pequenos vídeos, como o de fenômenos da natureza e paisagens, para motivar os alunos a observar melhor o espaço à sua volta. As várias dificuldades enfrentadas para conscientizar os educandos da necessidade de se construir o conhecimento a partir das instituições educacionais têm feito com que eu reflita sobre a função de professor (educador) e principalmente sobre as práticas pedagógicas adotadas.

{...} Quando as expectativas são frustradas e os sonhos acabam; as rotinas pesam e desanimam; a fadiga e o desinteresse se explicitam e as divisões se multiplicam: “bons e maus” alunos, “interessados e desinteressados”, alunos “com bom e com baixo desempenho”, “organizados e desorganizados”, “indisciplinados e obedientes”, “desatentos e atenciosos”, “inteligentes e com dificuldades”, normal e com defasagem”, “meninas agitadas” e “meninos desorganizados” etc. As divisões e diferenciações iniciais se transformam explicitamente em hierarquizações, explicações e justificativas para resultados nas avaliações, para comportamentos e para outras práticas curriculares que, por sua vez, trazem outras formas de currículo. Um currículo quando se formata demais, espalha tristeza, desânimo ou indiferença {...}. (PARAISO, 2013, p. 196).

Tenho me sentido assim por várias vezes. Expectativas frustradas e o peso da rotina têm, por vezes, provocado desânimo. Às vezes, esperamos mais retorno de nossos alunos. Projetamos expectativas além de suas possibilidades e também de seus desejos. Acreditamos que podemos muito, quando, por vezes, temos também nossas limitações. Em outro trecho da mesma fonte, porém, encontrei certo alento.

{...} Como não sabemos antecipadamente com que corpo possamos fazer um bom encontro, é necessário experimentar. Buscar inspiração em outros lugares, coisas e objetos para mobilizar a diferença e agenciar devires que produzam alegrias em um currículo e em uma vida. Maria Margarida, personagem do livro *A contadora de filmes*, descobriu o que a fazia feliz e era capaz de mudar o seu viver: contar filmes. Foi experimentando que ela encontrou um caminho por fazer. Do seu encontro com os filmes e o cinema, Maria Margarida retirou a capacidade de alegrar-se e de entrar em devires {...}. (PARAISO, 2013, p. 197 a 198.)

Esse trecho mostra que pode haver caminhos mais suaves no processo educacional e que esses precisam ser buscados através da experimentação. O uso do cinema, um maior contato com os familiares e a percepção dos mesmos e também dos estudantes, sobre metodologias diferenciadas no processo de aprendizagem podem contribuir para que tenhamos um processo menos tempestuoso nas salas de aula.

Desde que ingressei-me no magistério tenho feito uso dos audiovisuais em minha aulas. Vários deles têm a função de servir de detonador para algum projeto. Outros são usados como introdução de algum conteúdo (alguma matéria) que será iniciado. Alguns, sobretudo documentários, são utilizados para uma abordagem documental sobre determinados temas. Há, ainda, os que são utilizados para ilustrar fatos ou simplesmente paisagens. O uso do cinema (vídeo) apenas como recreação eu não costumo fazer. Acredito que seja também uma possibilidade interessante, uma vez que a escola deve oferecer a seus alunos, além da orientação para o conhecimento, momentos de lazer e diversão. A desconfiança e resistência

demonstradas por alguns pais, em relação ao uso do cinema na escola, têm me desencorajado de promover exibição de filmes que não tenha caráter estritamente educacional (conteudista).

Fazendo uma reflexão sobre minha prática pedagógica percebo que, apesar de, às vezes, buscar novas alternativas, tenho me prendido bastante ao tradicionalismo. Por diversas vezes menciono em reuniões, inclusive de elaborações de Projetos Políticos Pedagógicos (PPPs), que não podemos fugir muito dos Parâmetros Curriculares. Em meus planos de curso sempre procuro abordar os temas sugeridos nas diretrizes.

{...} Assim, currículo oficial é o que foi planejado oficialmente para ser trabalhado nas diferentes disciplinas e séries de um curso. É o que consta na Proposta Curricular do Estado, nas Propostas Curriculares das Secretarias de Educação ou nos livros didáticos elaborados a partir destas. Do mesmo modo, currículo formal abrange todas as atividades e conteúdos planejados para serem trabalhados na sala de aula. O currículo formal inclui também o oficial {...}. (PARAISO; SANTOS, 1996, p. 84)

Refletindo sobre esse texto percebo que tenho dado muita atenção ao currículo oficial, tanto que me senti mais à vontade para desenvolver o projeto de intervenção pedagógica, a partir da sanção da Lei 13.006⁷. Tenho procurado desgarrar-me um pouco de tal formalidade e conseguir trabalhar, de forma mais desenvolta, os demais modelos de currículo. As demais metodologias pedagógicas. Reconheço que preciso buscar desenvolver novas habilidades e novas alternativas de trabalho. No trabalho desenvolvido, procurei desvencilhar-me do tradicionalismo. Entretanto, procurei manter o caráter pedagógico e educacional, trabalhando com filmes que levavam a reflexões nesse sentido.

⁷ Publicada no Diário Oficial da União, no dia 27 de junho de 2014, a Lei nº 13.006 sancionada pela presidente Dilma Rousseff, que torna obrigatória a exibição de filmes e/ou audiovisuais de produção nacional nas escolas de ensino básico. O tempo de exibição deverá ser de, no mínimo, duas horas mensais. A norma altera o artigo 26 da Lei 9.394, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

2. DESENVOLVIMENTO – O PLANO DE AÇÃO PEDAGÓGICA E SUA IMPLEMENTAÇÃO

A proposta de intervenção pedagógica foi elaborada para ser implementada em duas turmas do ensino fundamental, sendo uma de alunos do 8º ano e outra de alunos que cursam o 9º ano. A escola onde esses alunos estudam é a Escola Municipal Maria da Assunção de Marco (EMMAM), localizada à Rua Ana Horta, 98, Bairro Goiânia, Belo Horizonte, na qual trabalho desde 2008.

Foram cogitadas diversas possibilidades, uma vez que o audiovisual permite uma gama de atividades bastante diversa, não só no que se refere à apropriação e interpretação de filmes, como também na área de produção. Como o tempo de preparação e execução do projeto era reduzido, já que teria de ser feito até o final do ano, 2014, a opção escolhida foi a de exibição de filmes.

A apresentação de filmes, simplesmente, não seria uma novidade, uma vez que em minhas aulas sempre faço uso do cinema. Além disso, hoje os alunos têm, com relativa facilidade, acesso aos audiovisuais que estão disponíveis na *internet* e no mercado de DVDs. A decisão foi, então, desenvolver as atividades para os alunos, mas também e principalmente, para os familiares dos mesmos.

A proposta de incluir os pais foi uma tentativa e uma alternativa de aproximar a família do estudante das práticas pedagógicas adotadas no processo de aprendizagem do mesmo.

A aproximação possibilitaria aos pais (responsáveis) a oportunidade de verificar que diversos filmes podem servir de apoio no processo educacional. Acreditei que com a atração dos pais, para a escola, teríamos também uma maior aproximação pessoal, um contato mais direto e que, assim, poderíamos ter uma visão real da opinião dos mesmos sobre o uso do cinema na escola. É claro que essa visão seria apenas parcial, uma amostragem, pois o número de pessoas que participaria das ações seria pequeno em relação até mesmo à comunidade escolar onde seria aplicado e ínfimo em se tratando do conjunto global dos estudantes. Imaginei, porém, que mesmo sendo um trabalho realizado com um pequeno número de pessoas, poderia ser um marco inicial na escola, podendo também servir de norteador para futuras ações de maior abrangência e relevância. Considerei que seria um momento oportuno de começar a contar com a participação dos familiares no estímulo ao uso do cinema como instrumento de ensino e aprendizagem.

Como podemos motivar a parceria entre escola e família? Como os pais (familiares) dos nossos alunos podem dar sua parcela de contribuição para com o uso do audiovisual no processo educacional? Creio que só com o conhecimento sobre as potencialidades do cinema e com o gosto pelo mesmo, os familiares dos educandos se colocarão favorável ao seu uso na escola. O projeto desenvolvido constitui apenas o impulso inicial, mas para qualquer longa caminhada há a necessidade do primeiro passo.

Ressalta-se aqui que, embora o termo cineclube tenha sido usado em vários momentos, inclusive na comunicação com os pais e também com os alunos, o projeto não pode, pelo menos ainda, ser considerado um cineclube, pois não foi um estudo sobre filmes e cinema. O que ocorreu foi a exibição de filmes destinados à comunidade escolar, com prioridade para os familiares dos estudantes.

O objetivo principal do trabalho desenvolvido foi o de estimular o uso do cinema como ferramenta pedagógica. Complementando, visou uma maior aproximação entre a escola, sobretudo os professores, e os familiares dos educandos, procurando, assim, uma maior interação entre os responsáveis pelo processo educacional dos alunos. Como é de conhecimento de boa parte da sociedade e de todos que trabalham como educadores, a educação é de responsabilidade da família e do Estado. Na escola somos os representantes do Estado. Uma parceria sólida com a família pode representar um caminho para que o processo educacional seja mais exitoso.

Como já citei anteriormente, tenho observado, muitas vezes, desconfiança dos pais relacionada às práticas pedagógicas que fogem do tradicionalismo, isto é, da leitura, da escrita no quadro e da exposição (explicação da matéria). Muitas vezes até um trabalho de campo (excursão com fins didáticos) é vista como sendo apenas um passeio. Acredito que a presença mais freqüente dos pais no ambiente escolar e uma maior participação no processo de escolarização de seus filhos seja uma das alternativas para que tenhamos alunos mais dedicados e interessados nas atividades escolares.

Nossa escola tem procurado uma maior aproximação e interação com a comunidade. Em diversos momentos os familiares dos estudantes são convidados a estarem presentes e a participar das atividades nela realizadas, mas a participação dos mesmos fica muito aquém do que poderia ser. Tenho observado que há um distanciamento muito grande entre a comunidade (os pais de alunos) e a escola e

também uma participação reduzida dos responsáveis (pais) no processo de escolarização. Muitas vezes os bilhetes enviados aos pais não têm retorno. Os cadernos dos alunos parecem não serem vistos pelos responsáveis. Uma reunião com os responsáveis para tratar de algum tema importante ou mesmo para se entregar o boletim, tem presença reduzida. Convites são enviados, telefonemas são dados, mas a frequência é baixa. É claro que há exceções, mas o relato é sobre o comportamento de um grande número de pais.

A EMMAM está no 23º ano de funcionamento, mas durante quase uma década esteve fora do bairro onde se encontra. De fevereiro de 1993 até outubro de 2002 funcionou no Prédio do Centro Educacional Artur Versiani Velloso (CEPAVV), enquanto aguardava a construção de sua sede atual, na Rua Ana Horta 98, bairro Goiânia, região nordeste da cidade Belo Horizonte. Naquela época, os estudantes eram transportados de ônibus do bairro Goiânia até o CEPVV, localizado no bairro Santo Antônio, região Centro Sul, onde funcionava a Secretaria Municipal de Educação. Acredito que esse distanciamento do bairro possa ter contribuído para se criar a cultura do também distanciamento dos pais do ambiente escolar. Esse é um fato relevante, mas, certamente, há outros fatores que contribuem para com esse comportamento dos pais.

Nossos alunos não veem, nos estudos, um caminho para um futuro melhor. Seus pais também parecem não ver na escola um caminho seguro e de sucesso para seus filhos. Tenho a impressão de que muitos veem a escola apenas como uma instituição que deve cuidar de seus filhos durante o dia para que eles possam trabalhar. Lendo um livro de Bartolomeu Campos de Queirós, encontro, logo em seu começo, palavras que mostram que a expectativa dos pais com a escola pode não ser a que os professores esperam, desde há longo tempo.

{...} Parecia muito pequeno o ideal de meu pai naquele tempo, lá. A escola, onde me matriculou também na caixa escolar – para ter direito a uniforme e merenda – devia me ensinar a ler, escrever e fazer conta de cabeça. O resto, dizia ele, é só ter gratidão, e isso se aprende copiando exemplos {...}. (Queirós, 2004, p. 7)

Hoje a merenda e o uniforme não requerem outra matrícula. A conta de cabeça, bem como o ler e o escrever, parecem já não ter tanta importância e a gratidão, que era apenas copiar exemplos, tem se tornado, a cada dia, um valor menor.

Pela experiência com nossos alunos, sabia que a realização das atividades práticas, requeridas pela proposta, enfrentaria obstáculos e que seria necessário contar com a colaboração de outras pessoas para a sua implementação.

Antes de apresentar a proposta e mesmo antes de decidir por ela, conversei com a diretora da escola, com a vice-diretora e também com a coordenadora pedagógica do turno da manhã, no qual trabalho. Solícitas, se prontificaram a colaborar e abraçaram o projeto como sendo da escola e não apenas de um professor. A participação de ambas se estendeu até a finalização do mesmo. Finalização ou pausa, uma vez que cogitamos retomá-lo nos próximos anos.

A sanção da Lei 13.006, no meu entender, poderá trazer alterações significativas no que concerne ao uso do audiovisual no processo de formação dos estudantes. Atualmente, em muitas escolas, inclusive na EMMAM, os alunos dispõem de duas horas mensalmente, ou mais, de projeções audiovisuais. Os filmes, entretanto, podem ser de qualquer nacionalidade. Em obediência à Lei, porém, os alunos deverão ter duas horas de exibição de audiovisual de produção brasileira.

Para a implementação do projeto a Lei constituiu-se em importante elemento, uma vez que embasava o uso do cinema sem a finalidade conteudista. A ideia de Cristovam Buarque⁸, autor do projeto, foi a de despertar, na juventude, o gosto pelo cinema. Embora isso não impeça que as exibições tenham caráter educativo, amplia a possibilidade de que o cinema seja exibido com a finalidade despertar o gosto pela arte. Dessa forma, podemos usar o cinema como ferramenta de diálogo com os saberes e com a construção do conhecimento, mas também como recreação.

Nosso projeto de intervenção pedagógica ofereceu a oportunidade de ampliar o contato com a arte cinematográfica, aos estudantes e também aos seus familiares. Ele, entretanto, não teve o caráter da obrigatoriedade. Tanto os pais quanto os alunos, para os filmes exibidos à noite, tiveram a liberdade de participar ou não.

Inicialmente a ideia era de que os pais veriam os filmes à noite e os alunos no horário regulamentar das aulas. A ausência dos pais e por solicitação de alguns alunos, a ideia foi mudada e pais e estudantes passaram a participar conjuntamente.

⁸Senador da República, representando o Distrito Federal, Cristovam Ricardo Cavalcanti Buarque é um engenheiro mecânico, economista, educador, professor universitário e político brasileiro filiado ao PDT. Foi o criador da Bolsa-Escola, implantada pela primeira vez em seu governo no Distrito Federal. Fonte: Wikipédia

2. 1. DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES PRÁTICAS

As atividades práticas tiveram início na primeira semana do mês de setembro de 1914, quando foram elaborados os questionários para serem respondidos pelos pais (responsáveis). Como havia sido definida a execução das atividades para os familiares de duas turmas (801, 8º ano e 901, 9º ano), foram preparados questionários em número suficiente para que cada aluno das referidas turmas recebesse um. Em um mesmo questionário encontravam-se perguntas destinadas ao pai, à mãe ou ao responsável legal. A ideia da comunicação com os pais (responsáveis) antes de iniciar a exibição dos filmes visava identificar, embora de forma superficial, a relação dos mesmos com o cinema, além de averiguar suas opiniões sobre seu uso na escola. Procuramos, contudo, elaborar um questionário pequeno e simples para não aumentar a repulsa quanto ao desenvolvimento do projeto, caso ela existisse, ou provocá-la, caso não. Os questionamentos resumiram-se ao hábito e motivação de se ver filmes, à opinião sobre o uso do cinema na escola e a disponibilidade em participar do projeto (cineclube) Foi perguntado também sobre a escolaridade dos responsáveis.

Como o objetivo principal estava relacionado ao uso do cinema na escola, optou-se por um questionário curto em que se priorizava questões específicas ao tema. A questão sobre a escolaridade objetivou averiguar se a mesma tem relação com o hábito de se ver filmes ou mesmo rejeitá-los como instrumento de aprendizagem. Questionamentos como, idade, renda familiar e outras condições socioeconômicas não foram incluídos. A opção por um questionário enxuto (com poucas questões) teve o objetivo de não inibir os familiares e também porque as questões socioeconômicas, embora possam influenciar o nível cultural, não eram o tema central.

Os questionários foram entregues, no início da segunda semana de setembro, a todos os estudantes das duas turmas. Foram distribuídos 65 (sessenta e cinco) questionários. Acompanhando os mesmos, foi encaminhado um comunicado, em forma de carta, com esclarecimentos sobre a Lei 13.006 e que também expunha os objetivos do projeto e a justificativa para o desenvolvimento do mesmo. Foi estipulado o tempo de uma semana para que os questionários fossem respondidos e devolvidos. A ideia era analisá-los no transcorrer da terceira semana de setembro e fazer a primeira sessão (exibição de filme) no dia no dia 24 daquele mês. Alguns

alunos o devolveram no dia seguinte, mas outros só os entregaram nos últimos dias do prazo estipulado e 31 (trinta e um) estudantes não os devolveram. Diversos alegaram terem esquecido de entregar os questionários aos pais, outros disseram que haviam entregado, mas que os pais não os responderam. Houve também os que relataram que os questionários tinham sido respondidos, mas que tinham sido esquecidos em casa. Alguns chegaram a dizer que tinham perdido os questionários. Um número significativo disse que os responsáveis não quiseram responder e que não estavam dispostos a colaborar. Os que assumiram essa postura foram em menor número.

A demora pelo retorno dos questionários respondidos deu indícios de que a execução do projeto encontraria dificuldades. Como o trabalho precisava ter continuidade, decidimos finalizar o aguardo, uma vez que o tempo já havia sido prorrogado em uma semana e foi possível perceber que mesmo que o prazo fosse novamente estendido, muitos não os entregariam. Iniciamos, então, a fase da análise dos questionários e a tabulação dos dados.

Ao analisar as respostas encontradas nos questionários ficou evidente que teríamos de empenharmos muito para contar com a participação dos pais. A percepção sobre a resistência que alguns pais e também que alguns alunos têm sobre o uso do cinema na escola já era conhecida, pois vinha sendo observada há alguns anos. Para o projeto, porém, por estarem, os pais, respondendo a um questionário elaborado e enviado por pessoas que acreditam no uso do cinema como instrumento educacional, estando essa característica, de certa forma, clara, acreditava-se que esse repúdio (essa resistência) fosse ser disfarçado. Além disso, o questionário estava acompanhado de um comunicado que de forma simplificada, apresentava uma lei federal que dispõe sobre o uso do cinema na escola. Esperava-se que os pais (responsáveis) fossem mais políticos e que apenas uma parte minoritária dissesse que estava impossibilitada de participar de tal projeto, por ter outras obrigações no período noturno ou apresentasse qualquer outra desculpa. Enfim, esperava-se que a rejeição ao uso do cinema na escola e, principalmente, a participação dos pais não fosse tão numerosa.

As respostas encontradas, entretanto, mostraram que as dificuldades seriam maiores que as esperadas. Um bom número de pais deixou claro que não participaria das atividades e pior, uma parte significativa declarou ser contra o uso do cinema na escola. Em muitos questionários as perguntas relacionadas a esse

tema ficaram sem respostas. Outras questões também não foram respondidas, mas em um percentual menor. Houve também os que responderam vagamente dizendo que não participariam, mas sem apresentar justificativas. Muitas respostas apresentavam controvérsias, isto é, uma contrariava a outra, demonstrando pouca atenção às mesmas ou dificuldade de entender os questionamentos. Além de tudo isso, cerca de 50% dos questionários sequer foi devolvida.

O elevado número de questões sem respostas e as controvérsias dificultaram a análise dos dados. Em diversos casos para uma mesma questão havia mais de uma resposta. Para alguns questionamentos isso era possível, uma vez que a segunda resposta poderia complementar a primeira, mas para outros não, pois não se tratava de complemento, mas sim, oposição. Devido à essas características alguns questionários mereceram uma análise mais detalhada para se fazer a tabulação.

O número de questionários respondidos e tabulados foi de 34 (trinta e quatro). O número de pessoas que responderam é superior a esse, pois cada questionário tinha espaços para serem respondidos por pai e mãe. Não se chegou, entretanto, ao dobro, pois em alguns casos, o estudante está sob a responsabilidade de apenas uma pessoa, o que faz com que não haja, obrigatoriamente, 68 (sessenta e oito) participantes. Ocorreu também de algumas questões não terem tido respostas de pai e / ou mãe.

Os resultados apresentados podem ser conferidos nas tabelas e nos gráficos seguintes. Vale ressaltar que o número de respostas varia bastante de um tema para outro. Isso ocorre porque, como foi dito, para alguns temas há muitas questões sem respostas e também alguns repetidos, isto é, para um mesmo tema encontram-se mais de uma resposta.

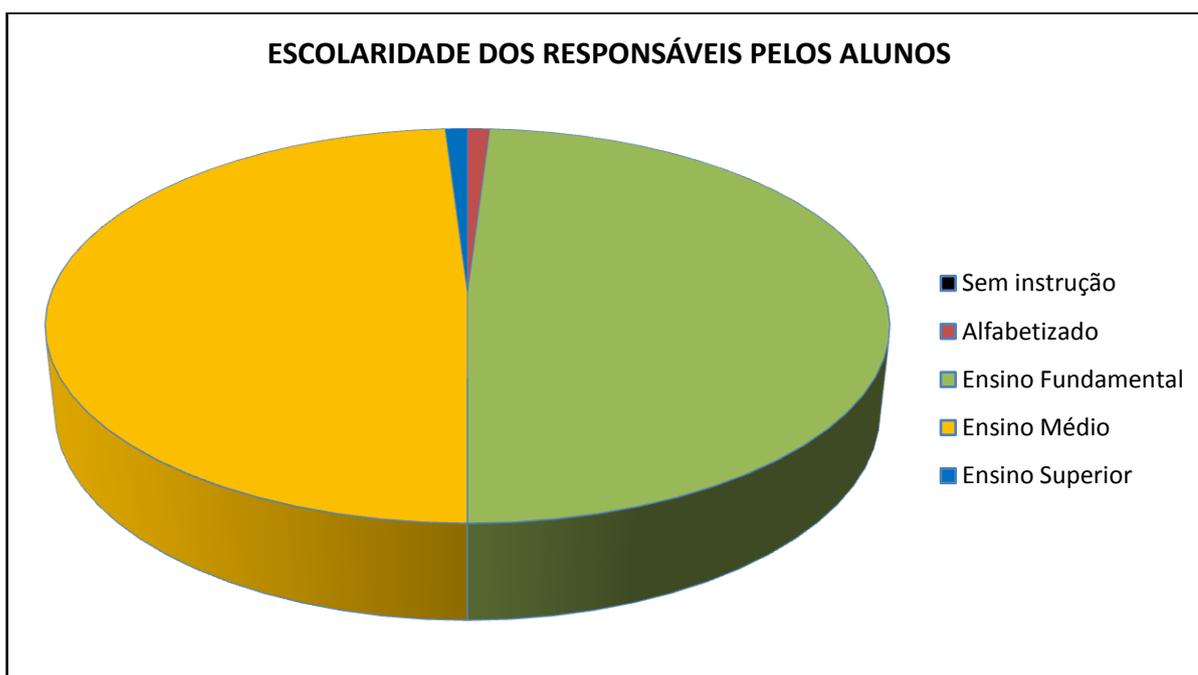
Uma cópia do questionário inicial destinado aos familiares, bem como da carta que se seguiu junto ao mesmo, podem ser conferidas ao final do trabalho (apêndices).

QUADRO 1

GRAU DE INSTRUÇÃO DOS RESPONSÁVEIS (ESCOLARIDADE)

	Pai	Mãe	Outro	Total
Sem instrução	0	0	0	0
Alfabetizado	0	2	0	2
Ensino Fundamental	9	14	1	24
Ensino Médio	14	13	1	28
Ensino Superior	1	1	0	2
Total	24	30	2	56

GRÁFICO 1



Como se observa, apenas dois dos que responderam, têm formação superior, o mesmo número dos que se consideram apenas alfabetizados. Há certo equilíbrio de gênero, no ensino médio. Já no ciclo fundamental, o número de mães que tem apenas esse nível de escolarização é um pouco superior ao de pais.

QUADRO 2

FAMILIARIDADE COM O CINEMA (USO DO CINEMA COMO ATIVIDADE ROTINEIRA DA FAMÍLIA)

Sim	17
Não	17
Total	34

As respostas a esse questionamento mostram que 50% dos que responderam não veem filmes, rotineiramente.

QUADRO 3

LOCAL ONDE A FAMÍLIA, INCLUINDO OS ESTUDANTES, VÊ FILMES

No cinema, semanalmente	1
No cinema, mensalmente	1
No cinema, ocasionalmente	2
Na televisão e, às vezes, no cinema	26
Não tem o hábito de ver filmes	4
Deixou sem resposta	1
Total	34

A ida ao cinema, como pode ser visto, é pratica de um número reduzido de pessoas. A televisão é a principal tela onde a família vê filmes.

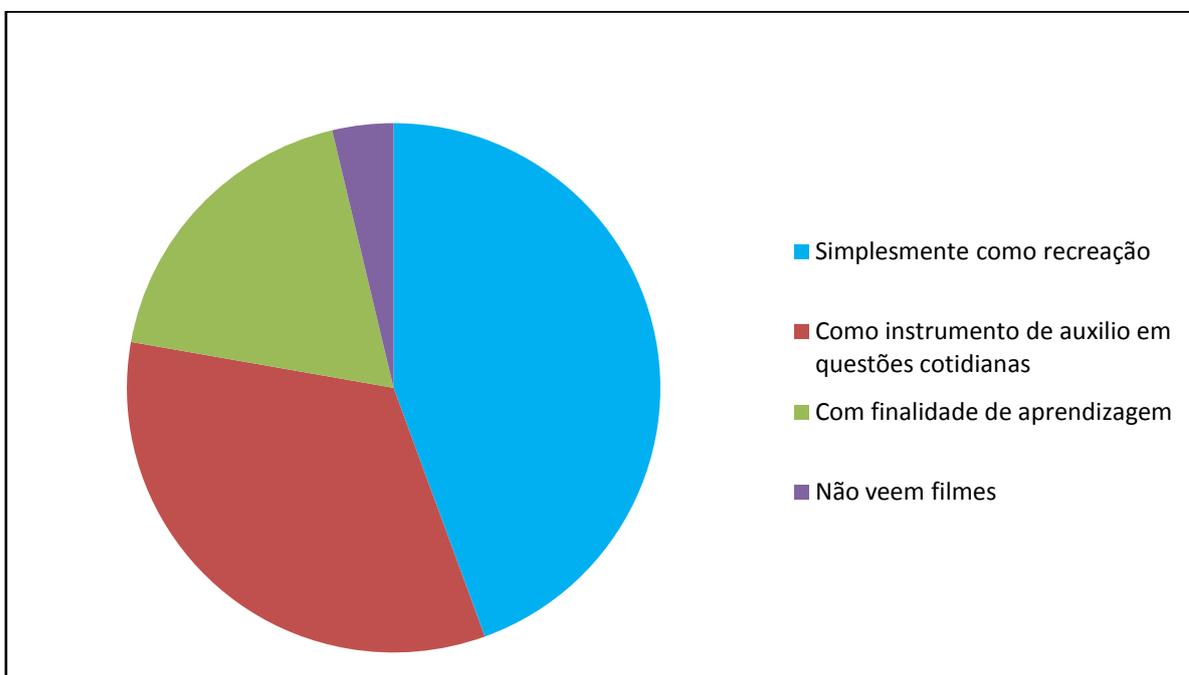
QUADRO 4

MOTIVO QUE LEVA A FAMÍLIA A ASSISTIR FILMES

Simplemente como recreação	12
Como instrumento de auxilio em questões cotidianas	9
Com finalidade de aprendizagem	5
Não veem filmes	1
Outros (relacionar)	2
Deixou de responder	5
Total	34

GRÁFICO 2

MOTIVAÇÃO DOS FAMILIARES PARA SE VER FILMES



Observa-se que os que veem filme com finalidade educacional (de aprendizagem) são minoria, embora o auxílio em questões cotidianas possa, de alguma forma, ser considerado como educacional.

QUADRO 5

OPINIÃO DOS PAIS SOBRE O USO DO CINEMA NAS ESCOLAS

	Pai	Mãe	Outro	Total
Indiferente (Não tem opinião)	0	1	0	1
Considera que pode ser importante para a aprendizagem	5	11	1	17
Acredita servir apenas para diversão (passa-tempo)	0	2	0	2
É importante para a aprendizagem e como diversão	11	14	0	25
Não concorda com seu uso	4	3	0	7
Deixou de responder	12	1	1	14
Total	33	34	2	66

GRÁFICO 3

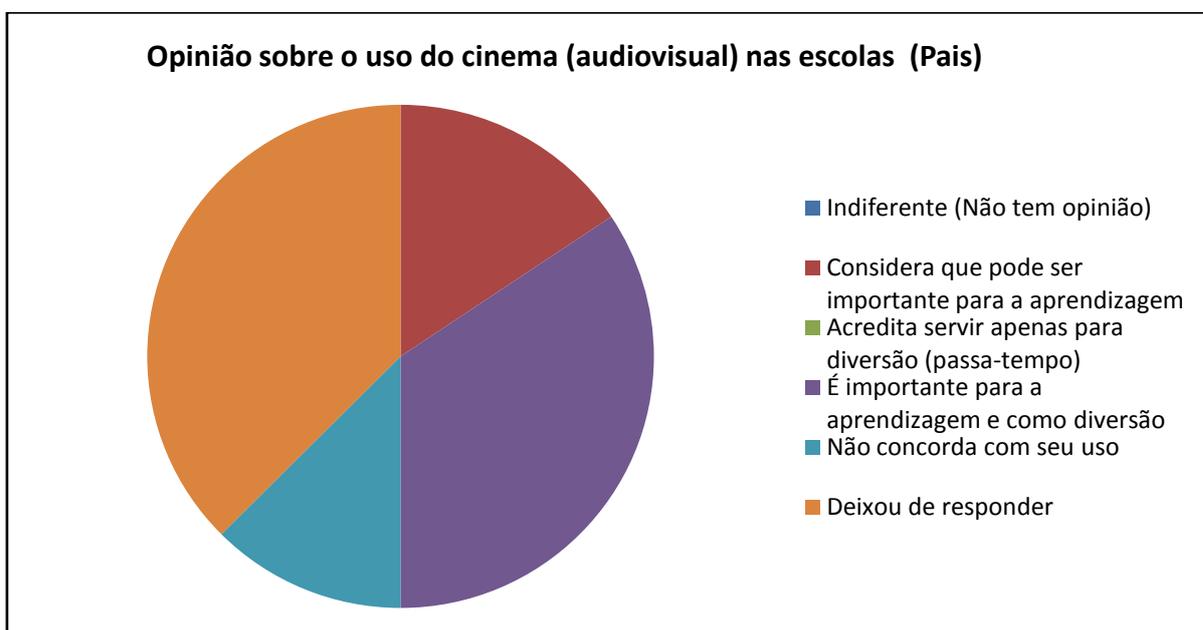
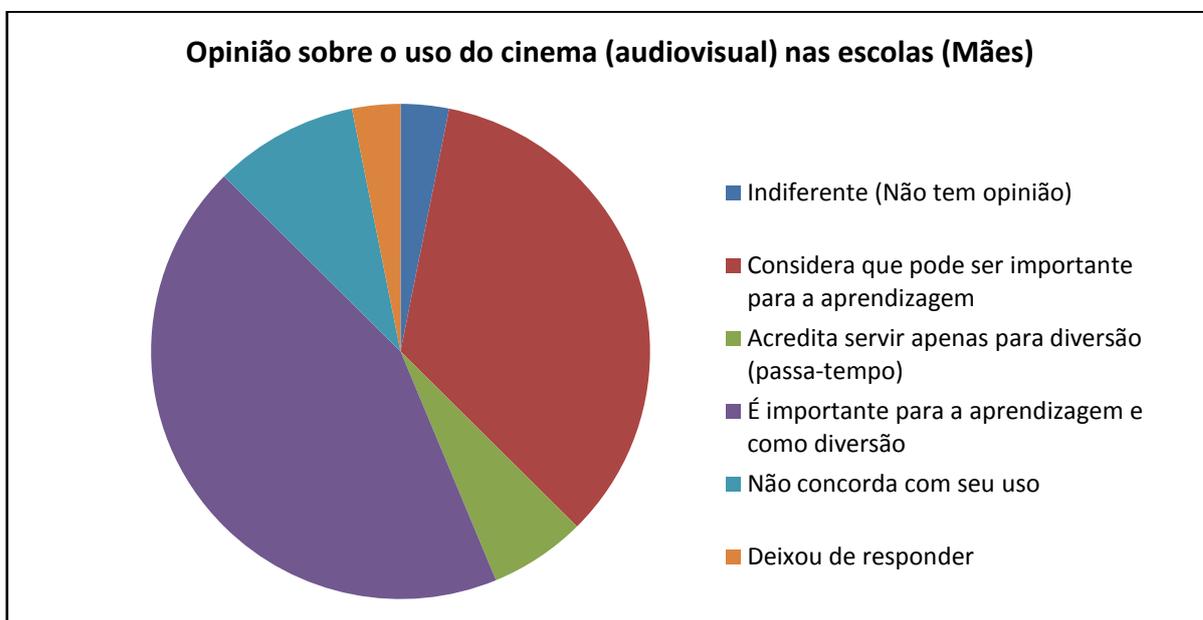


GRÁFICO 4



Como pode ser visto, um grande número de pais não respondeu a essa questão. Um grande número também de pais e mães responde que o cinema é importante para a aprendizagem e também para a diversão. Entretanto, quando se perguntou os motivos para se ver filmes um pequeno número citou a aprendizagem. Há,

portanto, controvérsias entre as respostas. O número dos que não concordam com o uso do cinema na escola também é alto, em comparação, por exemplo, aos que não têm opinião a esse respeito.

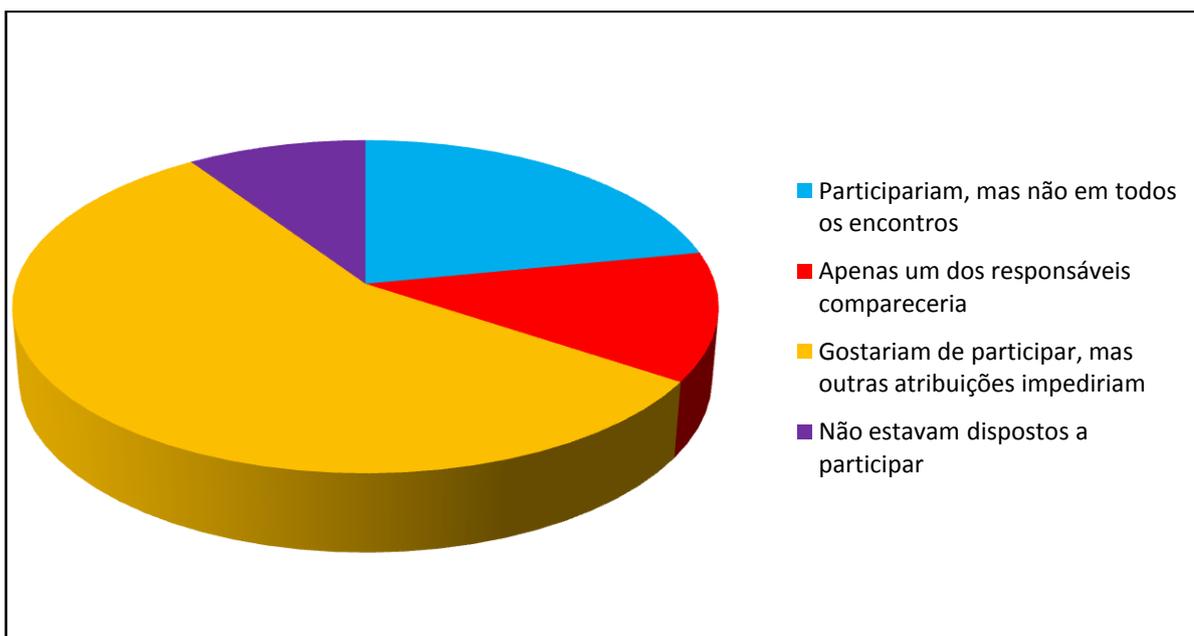
QUADRO 6

DISPOSIÇÃO DOS PAIS EM PARTICIPAR DO PROJETO SOBRE CINEMA E EDUCAÇÃO

Dispostos em participar. Os dois compareceriam	1
Participariam, mas não em todos os encontros	7
Apenas um dos responsáveis compareceria	4
Gostariam de participar, mas outras atribuições impediriam	18
Não estavam dispostos a participar	3
Deixou sem resposta	1
Total	34

GRÁFICO 5

DISPONIBILIDADE DOS PAIS DOS ALUNOS PARA PARTICIPAR DO PROJETO



Após a análise dos questionários sabíamos que a frequência às sessões (exibição de filmes) seria pequena, pois um reduzido número de pessoas se dispuseram a participar, mas precisávamos dar início para que as exibições fossem

finalizadas até o final de novembro. Cogitava-se, quando da elaboração da proposta, fazer sessões semanais, porém com intervalo, para os pais, de 15 (quinze) dias, uma vez que haveria exibição para os familiares da turma de 8º ano em uma semana e para os do 9º ano na outra. Isso seria feito porque se esperava que um bom número de pessoas comparecesse e como o auditório dispõe de 60 lugares, não queríamos correr o risco de haver lotação excedente. Com a sinalização de que o número de espectadores seria pequeno, decidimos realizar sessões para os familiares das duas turmas nos mesmos dias.

Com o atraso na entrega dos questionários respondidos, por parte dos alunos, percebemos que o calendário teria dificuldade em ser cumprido. Cogitou-se dar início às exibições sem a análise de tais questionários, uma vez que havíamos prorrogado, em uma semana, o prazo para que os alunos os devolvessem. Por acreditar que conhecendo melhor o pensamento dos pais sobre o projeto, seu desenvolvimento seria facilitado, decidimos aguardar. Mesmo com o atraso, propus-me analisar, superficialmente, os questionários no final de semana e dar início às exibições no dia 24 de setembro para que não houvesse atraso no início.

Na segunda-feira, 22/09/2014, escolheríamos o filme e enviaríamos, pelos estudantes, os convites aos pais. Na segunda-feira nos reunimos para a escolha e a preparação do convite. A diretora lembrou que tinha uma consulta marcada para as dezoito horas do dia 24 daquele mês. Desde o início ela tinha manifestado o desejo de participar do projeto, incluindo as exibições dos filmes. Considerei que era melhor adiar a primeira exibição por uma semana, uma vez que os bilhetes (convites) ainda não tinham sido preparados. Ela considerou a possibilidade de adiar a consulta, caso o atraso fosse comprometer o projeto, mas, por fim, concluímos que o mais sensato seria dar início às exibições na semana seguinte.

Quanto à escolha do primeiro filme, chegamos a um acordo ainda naquele dia. A diretora e a coordenadora sugeriram que fosse mostrado o filme do diretor Roberto Benigni, *A Vida é Bela*⁹. Destacaram o fato de ser um filme livre para todos os públicos e de relatar a história de um pai que protegeu seu filho dos horrores da guerra, até quando estava para ser morto. De minha parte, ponderei que precisaria priorizar o cinema nacional e que, sobretudo, o primeiro filme deveria ser brasileiro.

⁹A história de Guido, um garçom dotado de uma colorida imaginação e um incrível senso de humor – conquistou o coração da mulher que ama e construiu uma bela vida com sua família.. Mas com o início da Segunda Guerra Mundial, Guido terá que usar toda a sua força para livrar sua querida esposa e seu pequeno filho de um destino terrível.

Chegamos ao consenso de que o filme, *Narradores de Javé*¹⁰, da diretora Eliane Caffé, seria uma boa opção. Um filme também livre para todos os públicos, é interessante e, apesar de uma história um pouco dramática, apresenta um humor leve. Concluímos que essas características poderiam causar boa impressão. Foi decidido também que o título do filme não seria revelado com antecedência. Os participantes ficariam sabendo qual filme iria assistir apenas quando já se encontrassem presentes.

No dia 29 de setembro foi feito o encaminhamento dos convites para a primeira exibição em 01/10/2014. Para essa sessão apenas os pais (responsáveis) foram convidados. Isso aconteceu porque estava previsto no projeto e, além disso, o auditório tem espaço para cerca de sessenta pessoas. Consideramos que caso metade dos convidados comparecessem ele ficaria cheio.

Apesar de muitos pais não terem devolvido o questionário, os convites lhes foram enviados e os alunos foram alertados de que todos os pais (responsáveis) estavam convidados, mas eles, alunos deveriam esperar outra oportunidade. No convite havia um recorte que deveria ser devolvido confirmando ou não a presença. Dos 62 convites enviados, houve retorno de apenas 13. Quatro famílias confirmaram presença.

Na quarta-feira, dia em que seria exibido o filme, os alunos das duas turmas foram informados de que também os pais que não tinham devolvido a confirmação poderiam comparecer.

Como quatro famílias confirmaram presença, e quase cinquenta não tinham devolvido a confirmação, acreditávamos que umas dez pudessem comparecer. Caso apenas as que confirmaram presença comparecessem, teríamos 8 (oito) participantes. Seria um pequeno número, mas seria o início. Esperava-se, porém, que alguns dos que não tinham se manifestado pudessem aparecer. Acreditava, eu, que poderíamos ter umas vinte pessoas, uma vez que alguns alunos disseram que seus pais talvez participassem, mesmo não tendo confirmado a presença.

Cheguei à escola ao entardecer. Fui mais cedo para preparar o evento. Conferi o auditório e testei os equipamentos e o filme para que estivesse tudo certo na hora da exibição. Havia levado meu projetor, computador e caixas de som para

¹⁰ O filme narra a saga dos moradores de Javé, povoado ameaçado de extinção, uma vez que será encoberto pelas águas da barragem de uma nova hidrelétrica. Eles se unem para reconstruir, com testemunho da memória oral, sua história. O fazem com muito humor e picardia, ora com grandeza épica, ora com deboche. O presepeiro Antônio Biá faz as vezes de um Homero sertanejo.

serem usados caso tivesse algum problema com os da escola, mas estavam todos em bom funcionamento.

A diretora já se encontrava nas dependências da escola, ou melhor, ainda estava, pois cumpria também o turno vespertino, e a coordenadora chegou por volta das dezenove horas, inclusive, acompanhada de sua filha pequena. Os pais, porém, não compareceram. Aguardamos até às 20h e 30min e nenhum deles chegou. Apesar de ter havido quatro confirmações de presença, todos desistiram.

Nos dias seguintes foi discutida, com os alunos, a questão da ausência dos convidados, inclusive dos que haviam confirmado a presença. Tentou-se averiguar o porquê do não comparecimento e também a possibilidade da presença nas sessões seguintes. Algumas razões foram colocadas por alguns estudantes, embora a maioria não tenha apresentado justificativas. Entre os que se manifestaram a argumentação principal foi a de que filme brasileiro é ruim, que não presta, que não desperta o interesse de ninguém. Houve também algumas reclamações pelo fato de os convites serem direcionadas apenas aos pais. Segundo essas, a não inclusão de outros membros da família dificultava a participação, uma vez que os pais não gostam de deixar os filhos sozinhos à noite. Disseram que os alunos também deveriam ser incluídos. Esse argumento, porém, foi manifestado por um grupo reduzido de alunos. O desconhecimento sobre qual filme seria visto foi outro fator que, segundo alguns estudantes, teria influenciado no desinteresse dos pais.

Houve, então, a explicação para os estudantes de que a opção por filmes nacionais estava relacionada à Lei 13.006 que determina a exibição de filmes nacionais nas escolas públicas. Argumentou-se também que o cinema nacional tem bons filmes. Filmes premiados internacionalmente e que vários deles são de grande importância educacional. Foi lembrado, inclusive, filmes que já foram trabalhados em sala com os próprios estudantes e que tiveram sua parcela de contribuição na compreensão de temas relacionados ao conteúdo. Os alunos concordaram, mas foi possível perceber que não se convenceram o suficiente para atuar junto aos pais para que eles participassem do projeto.

Para a sessão programada para o dia 08/10/2014, os convites foram enviados no dia 06 do mesmo mês. Para amenizar alguns dos inconvenientes relacionados pelos estudantes, o convite foi direcionado também aos alunos, isto é, os filhos poderiam acompanhar os pais na sessão (exibição de filme). Acreditava-se, com isso, que a questão da falta de companhia para os filhos em casa, à noite, fosse

minimizada, o que possibilitaria a participação de alguns, uma vez que esse motivo havia sido citado por estudantes para justificar a ausência dos pais. Informalmente também foi comunicado que os que se encontrassem no início da sessão teriam a possibilidade de escolha em uma lista de três filmes.

Apesar das mudanças não houve comparecimento. Até a devolução da confirmação de presença foi reduzida. Apenas oito estudantes a devolveram. Dessas apenas duas famílias confirmavam a presença. Duas que, aliás, tinham também confirmado na primeira semana e que já não haviam comparecido. Novamente repetiram o gesto. Naquela noite aguardamos até as vinte e uma horas e ninguém compareceu.

Cogitamos a desistência do projeto, pois duas tentativas frustradas pesaram bastante e o desânimo foi substituindo o entusiasmo inicial. Após conversas entre os envolvidos, professor, coordenadora e diretora, foi feita, novamente, uma discussão com os alunos sobre o projeto e novos levantamentos sobre os motivos da não adesão foram feitos. Voltaram-se, os questionamentos sobre a qualidade do cinema brasileiro. A conversa anterior àquela, feita após a primeira data, parecia ter sido esquecida. Nessa oportunidade, também a coordenadora pedagógica esteve presente em sala, fazendo ponderações e constatou novamente a reclamação sobre o desconhecimento dos filmes que seriam exibidos. Novamente foi salientado que os participantes teriam uma lista de três filmes, dos quais, um seria escolhido pelos presentes para ser exibido.

A diretora, em outra conversa entre os responsáveis, lembrou as dificuldades que a escola tem de atrair os pais para participar das atividades e sugeriu que um lanche fosse oferecido, aos participantes, ainda que simples, como, pipoca e refrigerante. Decidimos então fazer nova tentativa.

Devido ao recesso escolar da semana dedicado às crianças e aos professores, a sessão iria acontecer apenas no dia 29/10/2014, uma vez que a semana da volta esteve um pouco conturbada e com a presença de um número reduzido de alunos na segunda-feira, dia em que se entregaria os bilhetes (convites). Esses foram feitos e entregues no dia 27 de outubro. Inclui-se nele então, a confirmação de que haveria distribuição de pipoca e refrigerante para os presentes. Além disso, foi incluído o nome dos filmes que poderiam ser vistos e, para amenizar o problema do filme nacional, foi incluído um filme estrangeiro, A

*Cidade do Silêncio*¹¹, um filme de Gregory Nava. Além dele, estava na lista, *Narradores de Javé* e *O Caminho das Nuvens*¹². Além dos pais, seus filhos também foram convidados. Apenas seis bilhetes (confirmação de presença) foram devolvidos e desses, apenas 2 famílias confirmaram participação.

Na sessão daquele dia, 29/10/2014, seis pessoas compareceram, sendo um casal com a filha (aluna), um pai com o filho (aluno) e um pai desacompanhado. Foi apresentada a lista dos três filmes em que os participantes poderiam, novamente, manifestar a escolha. Apesar de haver um filme estrangeiro entre as opções e dos questionamentos anteriores sobre o cinema nacional, no momento da escolha, *A Cidade do Silêncio* não foi citado. Foi exibido o filme, *Narradores de Javé*. Como prometido, durante a exibição foi distribuído guaraná e pipoca para os presentes. Como a presença foi pequena, as pessoas puderam servir-se à vontade, uma vez que a pipoca e o refrigerante foram deixados no recinto e as pessoas puderam pegar o quanto quiseram.

Durante a exibição observou-se o comportamento dos presentes. Todos riam em momentos engraçados e às vezes, demonstravam-se sensibilizados pelos fatos ocorridos. Nenhum dos participantes deixou a sala (o auditório) em momento algum e o uso do celular também não ocorreu durante a exibição. Ao final foi feita uma conversa em que os participantes puderam se manifestar sobre o filme e sobre o projeto. Todos elogiaram o filme (ninguém o conhecia) e parabenizaram pela iniciativa. Na ocasião aproveitamos para reforçar o convite para as próximas sessões. Os presentes também pegaram um questionário de avaliação para ser preenchido e devolvido, mas apenas duas pessoas o devolveram. Esse questionário foi, ainda mais simples que o primeiro, pois tinha o objetivo de apenas averiguar a percepção e a reflexão dos presentes sobre o filme visto. A reprodução do questionário encontra-se ao final deste trabalho.

¹¹ Laurem, uma jornalista ambiciosa de Chicago, é enviada para cobrir os estupros seguidos de morte que vêm ocorrendo na fronteira entre os EUA e o México. Chegando lá, com a ajuda de um jornalista local, descobre que esses crimes são apenas a ponta de um iceberg de uma trama muito mais complexa do que poderia imaginar, envolvendo políticos e grandes empresários locais. Obs. Esse filme não foi exibido. Apesar de ter sido disponibilizado em algumas sessões, não foi escolhido pelos espectadores.

¹² Inspirado em fatos reais, O CAMINHO DAS NUUVENS, narra a história de um casal e seus cinco filhos – com idades de seis a quatorze anos – que percorrem de bicicleta 3.200 km em busca de um sonho. Romão um caminhoneiro desempregado e sua mulher Rose, deixam a Paraíba e ao longo de seis meses atravessam cinco estados até o Rio de Janeiro, em busca de um emprego de mil reais por mês.

Apesar dos atrasos e dos contratemplos, pensávamos, ainda, fazer três sessões, com exibições quinzenais, fechando as apresentações ao final de novembro. Assim conseguiríamos cumprir o cronograma estabelecido. Nos dias seguintes, porém, percebeu-se que seria necessário fazer exibições semanais, pois alguns contratemplos alterariam as datas. Essa opção já estava sendo pensada quando não houve espectador para a primeira e para a segunda sessão.

Na segunda semana de exibição o número de pessoas aumentou, porém o aumento foi apenas de estudantes, tendo havido a redução do número de pais, que nesse dia foi de apenas um. Sete alunos compareceram perfazendo um total de 8 espectadores, além de dois do corpo docente e administrativo da escola. No convite enviado aos pais havia a opção de escolha entre três filmes; *O Caminho das Nuvens*, *Abril Despedaçado*¹³ e *A Cidade do Silêncio*. A inclusão desse filme, novamente, foi para dar a oportunidade de ver um filme estrangeiro, uma vez que as reclamações relacionadas ao cinema nacional continuavam, até porque poucos alunos tinham visto o primeiro e, quase sempre, a minoria não consegue mudar a opinião da maioria.

Antes do início da sessão foi passada para os presentes uma sinopse dos três filmes e o escolhido foi o filme do diretor, Vicente Amorim, *O Caminho das Nuvens*. A sessão transcorreu sem problemas. Embora a maioria fosse de alunos (adolescentes) ninguém deixou o auditório sequer para ir ao banheiro. Estiveram bastante atentos ao filme e em alguns momentos foi possível observar a emoção e mesmo uma tensão em alguns dos presentes. Como havia ocorrido na semana anterior, o guaraná e a pipoca foram distribuídos aos presentes e o restante também deixado sobre a bancada para que se servissem à vontade. Essa exibição ocorreu no dia 05/11/2014. Os convites tinham sido encaminhados no dia 03 do mesmo mês. O número de retorno de confirmação foi de apenas seis, menor que o de participantes.

Ao final foi aberto, como havia acontecido na semana anterior, um diálogo entre o responsável pelo projeto e o grupo presente. O trabalho foi elogiado e o filme

¹³ Abril 1910 – Na geografia desértica do sertão brasileiro, uma camisa manchada de sangue balança com o vento. Tonho (Rodrigo Santoro), filho do meio da família Breves, é impelido pelo pai (José Dumont) a vingar a morte de seu irmão mais velho, vítima de uma luta ancestral entre familiares pela posse da terra. Se cumprir sua missão, Tonho sabe que sua vida ficará partida em dois: os 20 anos que ele já viveu, e o pouco que lhe restará para viver. Ele será então perseguido por um membro da família rival, como o que dita o código da vingança da região. Angustiado pela perspectiva da morte e instigado pelo seu irmão menor, Pacu (Ravi Ramos Lacerda), Tonho começa a questionar a lógica da violência e da tradição. É quando dois artistas de um pequeno circo itinerante cruzam o seu caminho.

também. Foi traçado um paralelo entre a história mostrada e a realidade que muitos já conhecem, ou seja, a da migração motivada pelas dificuldades financeiras e a busca por melhores condições de vida em outras regiões. A seca no nordeste e a busca de condições melhores de trabalho e de vida no Centro-Sul também foram lembradas. O pai e também os estudantes tinham uma visão bastante clara sobre essa situação. Os trabalhos desse dia foram encerrados com o convite para que continuassem participando dos próximos eventos.

Na semana seguinte, decidimos não fazer exibição de filme na quarta-feira. Essa decisão se deveu ao primeiro jogo entre Atlético e Cruzeiro pela final da Copa do Brasil. Como alguns alunos haviam dito que os pais não estavam participando porque não podiam comparecer nas noites de quarta-feira, decidimos fazer uma exibição na sexta-feira, 14 de novembro.

Para a sessão do dia 14/11/14, outra vez os convites foram enviados com antecedência e também com explicações de o porquê da mudança de data. O número de retorno dos convites diminuiu mais ainda. Apenas cinco bilhetes foram devolvidos e desses, dois confirmaram presença. À noite dois casais compareceram, acompanhando suas filhas e mais três alunos estiveram presentes. Desses, quatro chegaram após o começo e não participaram da escolha do filme. Os cinco presentes escolheram, unanimemente, o filme *Abril Despedaçado*, do diretor Walter Salles.

Às sextas-feiras há o encontro de capoeiristas no pátio da escola. O barulho da Roda de Capoeira foi intenso na parte inicial do filme. As janelas tiveram que ser fechadas, mas, ainda assim, o barulho atrapalhava bastante e o som teve que ficar em volume alto, chegando a incomodar os ouvidos. Apesar disso, considerei como sendo um dos dias em que as pessoas mais se sensibilizaram. A aridez da paisagem, a rudez de alguns dos personagens, a vida dura do campo e outros aspectos retratados, parecem ter contagiado o ambiente. A emoção podia ser percebida em muitos momentos. A atenção foi quase total. Novamente, ninguém deixou o recinto. Até mesmo o ato de levantar-se para apanhar a pipoca ou o refrigerante, bastante comum nas sessões anteriores, praticamente não existiu. Ao final do filme foram convidados a degustarem o restante que ainda estava nos recipientes e aí, sim, todos se serviram novamente.

Outra vez o debate sobre o filme e sobre o projeto foi promovido e, praticamente todos, estavam sensibilizados com a história. Devido à chuva que caía,

nossa conversa se estendeu um pouco mais. Uma das mães presente sugeriu que o projeto se estendesse, pois ela tinha tido a oportunidade de acompanhar apenas esse filme e que o considerou muito bom, muito interessante, melhor mesmo que ir ao cinema comercial. Gostaria de participar mais vezes. Ela foi informada de que tínhamos um cronograma a ser cumprido, mas que cogitávamos dar prosseguimento ao projeto no próximo ano e que se isso fosse ocorrer teríamos prazer em tê-la como convidada.

Quando a chuva parou, nos despedimos e nos retiramos. Logo a seguir, porém, a chuva recomeçou e na semana seguinte os alunos comentaram que alguns se molharam muito durante o percurso até suas casas.

O tempo esgotava-se e as três sessões propostas inicialmente, já tinham sido feitas, além das duas tentativas frustradas. Em conversa, entre os responsáveis, decidimos que haveria outra exibição. Seria a última. Também propus que marcássemos um dia para fazermos um encerramento formal do projeto. Para esse dia apenas as pessoas que tiveram participação nas sessões anteriores seriam convidadas. Mostraríamos algumas imagens de destaque vistas nos filmes já mostrados. Haveria também a exibição de um ou dois curta-metragem. Faríamos a avaliação do projeto e encerraríamos com um coquetel de confraternização. Propus-me a arcar com as despesas, uma vez que não seria para um número grande de pessoas.

Na semana seguinte, a possibilidade de convocação de uma assembleia para a formação da Comissão Eleitoral, que teria a incumbência de organizar e conduzir o processo eleitoral para escolha da nova direção da escola, inviabilizou a exibição de filme na quarta-feira, uma vez que não seria possível realizar a exibição do filme concomitantemente com a assembleia. Por fim, essa foi marcada para o sábado, 22 de novembro. Porém não havia tempo hábil para fazer a exibição do filme na quarta-feira, uma vez que os convites não haviam sido encaminhados. Decidimos, então, não exibir filme naquela semana, pois os pais seriam convidados para comparecerem à assembléia, no sábado pela manhã e não seria justo convidá-los para a sessão de cinema na sexta-feira à noite.

Na quarta feira, 26 de novembro, seria a partida final entre Cruzeiro e Atlético, pela Copa do Brasil. Era inviável a exibição de filme nesse dia. Decidimos que o último filme (longa-metragem) seria exibido na sexta-feira, 28 de novembro e o encerramento e a avaliação aconteceriam no dia 03 de dezembro. A diretora

transferiu a Roda de Capoeira para as dependências da Escola Integrada, local que fica situado na mesma rua, para que o barulho não atrapalhasse a exibição do filme. Esse cronograma, enfim, pôde ser cumprido.

O último filme exibido, atendendo sugestões da diretora e da coordenadora foi, finalmente, *A Vida é Bela*. Nesse dia uma tempestade desabou. A vice-diretora só conseguiu chegar após às 20 horas e a diretora não participou. Também tive dificuldades para chegar, pois choveu muito na região. Acreditei que não haveria espectador, devido ao volume de chuvas. Nove pessoas, porém, estiveram presentes, sendo quatro pais e cinco alunos. Nesse dia, além de pipoca e refrigerante, como prévia do encerramento, servimos bolo e suco para os participantes. Embora tenha sido um filme tão badalado e premiado, nenhum dos presentes o conhecia e todos se envolveram e emocionaram. No início (na primeira metade) os espectadores riam vibravam, mas quando ocorre a mudança (a prisão e o sofrimento) a tristeza e a tensão eram evidentes.

Ao final da sessão, novamente conversamos sobre o filme e também sobre o projeto, que estava caminhando para seu final. Alguns sugeriram que ele fosse retomado no próximo ano. Informamos que futuramente faríamos uma avaliação dessa possibilidade e aproveitamos para convidá-los para participar da avaliação e do encerramento na semana seguinte.

No dia 03 de dezembro, como programado, fizemos o encerramento. O número de participantes foi pequeno. Apenas onze pessoas compareceram e participaram da programação. As cenas de filmes já exibidos não foram mostradas. Exibimos três curtas. Essa exibição mostrou, um pouco, como usamos esses filmes nas aulas. Foi informado que os filmes de curta-metragem são importantes para se trabalhar em aula porque têm tempo adequado, inclusive para a promoção de debates ou a realização de exercícios individuais sobre os mesmos. Exibimos: *A História das Coisas*¹⁴ (animação) e os documentários, *Ilha das Flores*¹⁵ e *Menino de*

¹⁴ O documentário (animação) questiona o modelo produtivo e as relações de produção e consumo implantados pelos governantes e pelas grandes corporações a partir da segunda metade do Século XX.

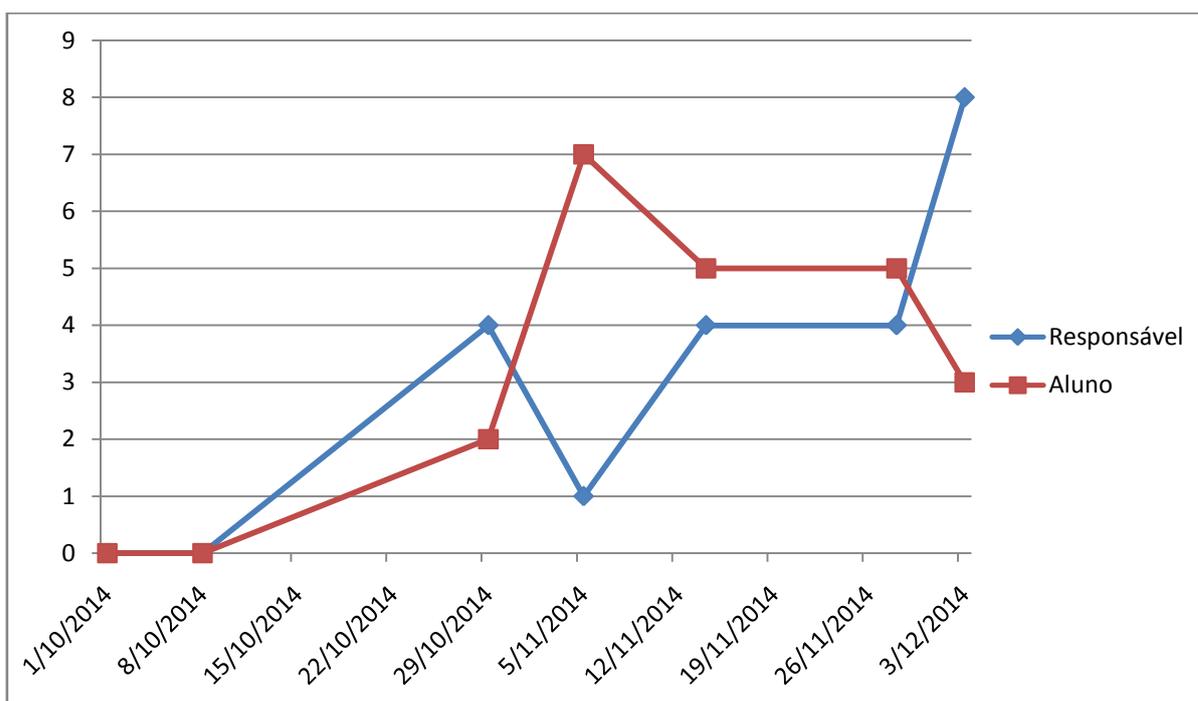
¹⁵ O filme trata a questão das desigualdades econômicas. A partir de uma plantação de tomate e de um tomate que vai parar no lixo, o diretor expõe as mazelas sociais, mostrando que, em algum momento, o porco que irá comer o tomate que foi parar no lixo, tem prioridade nas relações com alguns seres humanos.

Carvão¹⁶. A opção por esses curtas ocorreu devido à conversas, em exibições anteriores, sobre os temas; consumo, consumismo, riqueza, pobreza e trabalho, inclusive infantil, entre outros.

Ao final os participantes preencheram o questionário de avaliação – está reproduzido em apêndices – e foram convidados a participarem do lanche. Durante esse a conversa sobre cinema e educação teve prosseguimento. Conversamos sobre a possibilidade de adotarmos a prática do cinema na escola como rotineira e todos os presentes consideraram a ideia positiva. Pais de alunos que estavam deixando a escola no ano de 2014, disseram que gostariam de serem convidados nos anos seguintes, mesmo não tendo filhos estudando na escola.

GRÁFICO 6

Evolução da presença de pais e alunos no período da exibição de filmes



Como se percebe, através do gráfico e pelo relato feito, a evolução do número de participantes foi pequena, considerando-se o dia do início em 29/10/2014, por ter sido esse o primeiro dia que houve espectador. Sendo otimista, porém, e tomando como ponto de partida o dia 01/10/2015, quando não houve comparecimento,

¹⁶ Menino de carvão conta a vida sofrida de um menino que desde cedo é obrigado, por seu pai, a enfrentar o trabalho duro em uma carvoaria. Além do trabalho o menino convive com a violência. Seu pai, alcoólatra, espancava sua mãe e ele próprio.

chega-se à conclusão de que houve um grande crescimento no número de participantes.

Vale lembrar que ocorreram, no período, como foi relatado, vários fatos que, de forma direta ou indiretamente, podem ter contribuído para que a presença de pais e alunos fosse reduzida.

Inicialmente, de minha parte, houve preocupação pelo não comparecimento de espectadores. O trabalho estava condicionado à essa presença. Queria um grande número de pais comparecendo, participando e opinando. No decorrer do período de realização das atividades, porém, fui conscientizando-me que não poderia pautar apenas no quantitativo. Cheguei a conclusão de que a modificação de costumes ocorre de forma lenta. O qualitativo, em diversos aspectos, é mais valioso que o quantitativo. Programas que surgem pequenos, de acordo com sua qualidade, podem se tornarem grandiosos. O texto de Tiago Mello (epígrafe) nos lembra que o rio mais caudaloso do planeta surge pequeno. Muitas águas se juntam para traçar caminhos e tornar-lo um gigante.

Apesar de ter sido reduzido o número de participantes nas atividades que envolveram a exibição dos filmes, pode ter sido o passo inicial para ações futuras mais amplas.

2.2. ATIVIDADES COMPLEMENTARES COM OS ESTUDANTES

Ao iniciar a intervenção a ideia era a de que os pais dos educandos assistiriam aos filmes no período noturno enquanto os alunos teriam a oportunidade de vê-los no horário regulamentar das aulas. Como as sessões noturnas foram oferecidas também para os estudantes, consideramos ser importante fazer algumas sessões, no turno regular, isto é, no horário normal das aulas, destinadas apenas aos alunos. Para essa experiência foram exibidos três filmes: um, para os alunos da turma 305 (8º ano), que tiveram a oportunidade de assistir ao filme *Vidas Secas*¹⁷, outro para os alunos da turma 309 (9º ano), que assistiram *Hotel Ruanda*¹⁸ e outro, *Deus é Brasileiro*, que foi visto pelas duas turmas. A opção pelo filme, Hotel Ruanda, para os alunos do 9º ano foi por coincidir com o período que estava sendo estudado, em Geografia, o continente africano.

Em relação aos dois primeiros filmes foram feitos apenas debates, com os estudantes, sobre ambos. A exibição foi feita em um dia em que ocorreram várias faltas, tendo sido, eles, vistos por poucos alunos, mais precisamente doze em uma turma e dezessete na outra. Por ter uma presença reduzida e por ter sido feito um trabalho preliminar sobre os filmes, não se cobrou trabalho escrito. Além disso o filme foi projetado em sala de aula o que tira um pouco o aspecto de cinema. Ao final dos filmes, nos debates promovidos, os alunos puderam manifestar suas opiniões sobre o que haviam entendido. A maioria dos alunos do 8º ano, que viram *Vidas Secas*, consideraram o filme difícil de ser entendido e com uma dinâmica pouco atraente, embora três deles tenham conseguido ficar atentos e terem considerado o filme importante para tratar a questão da seca e do sofrimento dos nordestinos. Vale lembrar que para esse grupo não estava sendo, naquele momento, trabalhado a questão nordestina. A opção de mostrá-lo foi pelo fato de esse filme ter sido, no ano

¹⁷ Sinopse – Em 1941, pressionados pela seca, uma família de retirantes composta por Fabiano, Sinhá Vitória, o menino mais velho, o menino mais novo e a cachorra Baleia, atravessa o sertão em busca de meios para sobreviver. Seguindo um rio seco, eles chegam a um casebre abandonado nas terras do fazendeiro Miguel, quando em seguida há uma chuva. Com a recuperação dos pastos, o proprietário retorna com o gado, e a princípio os repele, mas Fabiano diz que é vaqueiro e que a família pode ajudar em vários serviços, então são aceitos. A família tem esperança de prosperar, Sinhá Vitória sonha com uma cama com colchão de couro e Fabiano em ter seu próprio gado. Mas, ao final do primeiro ano de muito trabalho e dificuldades, perceberão que apesar de tudo, a miséria da família persiste e nova seca está para assolar novamente o sertão.

¹⁸ A história se passa em Kigali, capital da Ruanda em 1994, no que ficou conhecido por genocídio de Ruanda.

anterior, citado algumas vezes quando estudávamos as regiões brasileiras e ter havido, ainda, a oportunidade de exibi-lo.

Hotel Ruanda, talvez por ser um filme de guerra e por estar dentro do tema trabalhado, agradou bastante. Os alunos se envolveram e mostraram ter gostado. A turma era mais madura e o hábito de ver filmes em sala também contribuiu para um melhor aproveitamento.

O filme *Deus é Brasileiro* foi exibido para as duas turmas, que o assistiram juntas no auditório. Aproveitei a ausência de dois professores e fiquei os dois horários com as duas turmas. Para esse filme houve um questionário de interpretação (percepção), que foi respondido pelos estudantes. A ideia de se fazer uma sessão para que os alunos assistissem juntos (as duas turmas) foi para dar uma conotação de cinema. Sempre trabalho com audiovisuais na própria sala de aula. Acredito que isso faz com que os alunos sempre interpretem a intenção e o filme de forma diferente, ou seja, que o vejam como uma extensão da aula ou como uma ausência de mesma. No auditório, com colegas de outra turma, pensei que pudessem ter uma reação diferente. Para que isso acontecesse não informei com antecedência que eles fariam um trabalho sobre o filme. Quando alguns me perguntaram se seria necessário fazer anotações, respondi que deveriam prestar atenção ao filme. Essa informação foi transmitida a todos antes de iniciar a exibição. Ressaltei que o importante seria prestar atenção nas paisagens e também na história e no comportamento dos personagens. Que não seria necessário fazer anotações. Alguns insistiram se haveria trabalho sobre o filme e para essa pergunta respondi que depois pensaria sobre essa possibilidade. Queria que os alunos assistissem ao filme como se estivessem em casa ou no cinema, mas não podia mentir que não haveria atividade, pois ela já estava planejada.

A sessão foi bastante tumultuada. O horário utilizado foram os dois últimos (9h e 20min às 11h e 20min). Aula de educação física no pátio, alunos da Escola Integrada¹⁹ circulando pela escola, muitos estudantes que não integravam as duas turmas entrando no recinto, enfim, ambiente impróprio para se ver um filme, mas era

¹⁹ A Escola Integrada é uma política municipal de Belo Horizonte, que estende o tempo e as oportunidades de aprendizagem para crianças e adolescentes do ensino fundamental nas escolas da Prefeitura. São nove horas diárias de atendimento a milhares de estudantes, que se apropriam cada dia mais dos equipamentos urbanos disponíveis, extrapolando os limites das salas de aula e do prédio escolar. Estas oportunidades são implementadas com o apoio e a contribuição de entidades de ensino superior, empresas, organizações sociais, grupos comunitários e pessoas físicas. Os alunos que participam do programa permanecem na escola, no contra-turno, participando de várias atividades. Eles são acompanhados e orientados por monitores.

o ambiente que tínhamos. Diversos alunos da sala contribuíram com o tumulto. O telefone celular, que os alunos não usavam nas sessões da noite e que também não são autorizados a usar em sala de aula, passou a ser mais atrativo para alguns grupos que o próprio filme. A toda momento um aluno queria deixar a sala e, para isso, usava o argumento de tomar água ou ir ao banheiro. Inicialmente me propus a não interferir muito, uma vez que pretendia deixá-los mais livres. Como o ambiente ficou muito tumultuado e alguns alunos começaram a reclamar, decidi intervir-me. Interrompi, algumas vezes, a projeção. Fui duro com eles, tendo, inclusive, encaminhado um à coordenação. A partir desse ponto o tumulto diminuiu e pudemos continuar vendo o filme. Cabe aqui ressaltar que mais de 50% dos presentes não participaram da bagunça e que, de certa forma, tentava acompanhar o filme.

O questionário foi aplicado no dia seguinte. Nem todos que estavam presentes na exibição responderam ao questionário dois alunos de uma turma (309) e três da outra (305) faltaram à essa aula e deixaram de responder. 7 (sete) alunos, sendo 2 (dois) da turma 309 e 5 (cinco) da turma 305, mesmo presentes, não entregaram as respostas. O argumento foi o de que eu não tinha os avisado de que haveria exercícios e que, portanto, eles não eram obrigados a fazer. Relembrei-os do que eu havia dito, ou seja, sobre a possibilidade de se fazer exercícios, uma vez que o que não precisaria era fazer anotações, mas que em relação às atividades sobre o filme, eu pensaria na possibilidade. Havia pensado e decidido que eles fariam a atividade. Alguns, porém, mesmo com esse argumento, não realizaram a tarefa. Ao todo, 41 (quarenta e um) alunos responderam ao questionário. As questões foram passadas no quadro para que os alunos dessem as respostas. Inicialmente, muitos alegaram não lembrar e começou aquela situação, muito comum entre eles, de querer fazer a atividade em dupla ou em grupo. Não aceitei essa possibilidade, alertando-os de que não se tratava de uma avaliação para a obtenção de notas (conceitos) e sim para uma averiguação da percepção sobre o filme.

As questões (perguntas) feitas aos alunos estão reproduzidas ao final (apêndices). Anexadas estão, novamente, as tabelas em uma configuração com números mais visíveis. Como pode ser conferido no questionário, não foi exigido que o aluno fizesse inferência. As perguntas, embora abertas, foram bem objetivas. Tratava-se de temas e situações que puderam ser vistas no filme.

Na primeira coluna das tabelas os números de 1 a 10 correspondem, na ordem apresentada, às questões respondidas pelos estudantes.

Como as questões foram abertas, embora a maioria tenha sido bastante objetiva, para o tratamento dos dados foi criada uma escala em que se aproveitava a resposta de forma completa ou incompleta. Exemplo: Qual o nome dos personagens que acompanhavam Deus? Resposta: Taoca e Madá. Essa resposta foi correta e a ela era atribuído 10 pontos (10%). Caso a resposta fosse, Taoca e a mulher eu não lembro, era atribuído o valor de 5 pontos (5%); Saoca e Nadá, atribuição de 4 pontos, pois, embora a resposta não estivesse correta, havia uma semelhança. Quinca das mulas foi trocado por Juca das Mulas e coisas parecidas; a resposta não estava correta, mas houve relação do nome com o animal. Uma parte da pontuação era atribuída. Algumas questões obtiveram um grande número de acertos, enquanto para outras o percentual de aproveitamento foi baixo. As tabelas com a pontuação (os acertos) estão reproduzidas adiante. A tabulação foi feita, separadamente, por turma. Também foi observada a distinção de gênero, M= masculino e F= feminino. Os que estão com SI foram entregues sem o nome. Não houve identificação.

TABELA 1

Resultados apresentados pela turma 305 (8º ano)

	M	M	M	M	M	M	M	M	M	M	M	M	M	F	F	F	F	SI	%
1	5	10	5	7	5	10	5	4	7	5	7	10	0	3	10	10	10	5	70
2	0	0	5	0	0	0	5	4	0	0	0	0	0	0	6	6	6	0	18
3	5	5	5	0	5	5	5	5	3	4	5	5	3	5	4	5	5	5	41
4	3	7	0	4	10	7	4	2	8	2	0	2	2	4	4	3	4	3	38
5	10	10	0	10	8	8	8	10	7	10	7	10	0	10	10	10	10	7	81
6	10	0	0	0	7	0	3	0	0	5	3	8	3	2	3	3	3	0	28
7	6	10	8	10	10	10	7	7	8	10	8	8	10	10	8	7	5	6	78
8	10	10	0	0	0	0	8	8	10	0	10	0	0	10	10	10	10	10	59
9	0	10	0	0	5	4	0	7	7	4	0	2	2	7	4	2	4	7	37
10	0	10	0	0	0	0	10	4	7	10	0	0	0	10	3	10	10	10	47
%	49	72	23	31	50	44	55	51	57	50	40	45	20	61	62	66	67	53	

A questão de nº 2, o nome dos acompanhantes (guias) de Deus foi a que os alunos do 8º ano apresentaram o pior desempenho. Analisando as respostas percebi

que eles não entenderam o que foi perguntado, pois vários nomes foram citados, muitos, inclusive, que não faziam parte do filme. Além de nomes de apóstolos, houve nomes de santos e também de integrantes do filme, mas que não estavam relacionados à pergunta.

A questão de nº 5, tipos de paisagens observadas, foi a que apresentou o maior número de acertos. Como foi um dos aspectos relacionados (pedidos) para que se observasse ao assistir ao filme, certamente, foi dada, por parte da turma, maior atenção a esse tema.

O número de meninos que responderam ao questionário é muito superior ao de meninas, mas, como se pode ver, o desempenho das meninas foi melhor.

TABELA 2

Resultados obtidos pelos alunos da Turma 309 (9º ano)

	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	M	M	M	M	M	M	M	M	M	SI	SI	%
1	3	5	5	10	10	5	5	5	5	5	10	5	5	10	5	5	6	8	5	10	5	5	5	62	
2	0	5	5	8	6	7	8	3	5	4	7	0	7	4	5	5	7	9	8	5	0	8	6	53	
3	10	0	10	10	10	10	10	10	9	9	10	10	9	10	10	10	10	10	10	10	10	10	10	95	
4	5	7	0	4	0	10	2	4	2	2	2	0	1	7	10	0	9	10	7	3	0	10	8	45	
5	10	0	10	0	4	10	9	0	9	9	0	0	0	8	10	8	4	9	9	0	9	10	8	63	
6	0	6	7	0	10	6	3	8	3	5	4	0	0	10	10	5	6	5	6	4	6	10	6	51	
7	10	10	10	10	10	10	10	7	10	10	10	10	9	10	10	10	10	10	10	10	7	10	10	97	
8	5	5	10	8	7	10	10	7	10	10	4	0	1	0	10	7	7	10	10	7	5	8	3	71	
9	0	0	0	8	10	10	7	9	6	6	8	0	0	0	10	6	9	8	9	0	6	10	5	64	
10	0	0	3	0	0	7	5	5	5	5	0	0	0	0	10	0	7	5	5	0	5	7	4	34	
%	43	38	60	58	67	85	69	58	64	65	55	25	32	59	90	56	75	84	79	49	53	88	65		

A questão de número 10, opinião sobre o filme e sobre a relação com o conteúdo escolar foi a que os alunos do 9º ano tiveram o pior desempenho. Como o filme se passa no Brasil e os alunos, nessa etapa, estudavam o espaço mundial, certamente consideraram o filme pouco proveitoso para os estudos. Além disso são bastante “críticos” em relação ao cinema brasileiro. Esse já é um critério para que o filme seja considerado pouco interessante.

A pergunta de nº7, momento em que Deus se mostra contente, foi a que apresentou o maior número de acertos. Vale lembrar que alguns relacionaram uma cena, enquanto outros consideraram outro acontecimento. O casamento no sertão,

quando o pastor falava bem de Deus e o encontro de Deus com Quinca das Mulas foram divididos quase proporcionalmente entre os que responderam.

Para essa turma, 9º ano, houve um maior equilíbrio de gênero, tendo sido o número de meninas um pouco superior. Embora o maior desempenho tenha sido de um menino, ocorreu equilíbrio entre meninos e meninas.

Essa atividade realizada mostrou que, mesmo acontecendo no auditório, mesmo com o horário corrido (filme completo) e duas turmas presentes, os alunos não a vivenciaram como uma sessão de cinema. Eles a consideraram como aula. Tiveram comportamento parecido ao que têm em sala e ao responder o questionário, agiram como se estivessem fazendo uma prova.

Na função de professor, às vezes, tenho receio de usar o cinema apenas como arte, por desconhecer a reação dos educandos. “Quando o cinema vai para a escola é a própria noção de cinema que se problematiza”. MIGLIORIN, 2014, p. 177). A problematização pode ganhar dimensão mais ampla que gostaríamos. O próprio Migliorin faz questionamentos sobre o lugar do mestre nessa relação, sobre a função do professor e sobre o que se pode pedir e esperar dos alunos quando o cinema vai para a escola. Temos que buscar compreender o que os alunos pensam sobre essa relação. Por várias vezes nossos alunos veem, na escola, filmes que lhes são mostrados sem o vínculo com o conteúdo de aprendizagem. Isso, porém, acontece quando é necessário suprir a falta de um professor. Constitui um momento em que os próprios estudantes sabem que finalidade do filme é o de mantê-los em um recinto específico, o auditório, para que eles não tumultuem a escola.

Quando a exibição ocorre na presença do professor, quando eles acreditam que deveriam estar em sala executando tarefas relacionadas ao conteúdo ministrado por aquele professor, percebo que têm dificuldades em compreender e se relacionar com o fato. O cinema como arte, no horário de aula, parece não ser compreendido por boa parte dos alunos. Também nós, gostamos de estar no lugar do professor. De coordenar o processo da aprendizagem. Do conforto de conduzir determinar as tarefas e conduzir as atividades. O uso do cinema, quando esse não é diretamente conduzido pelo professor, pode fazer com ele se sinta um coadjuvante, o que, às vezes, pode ser desconfortável. Ainda temos muito o que aprender para fazermos melhor uso desse instrumento educacional tão vasto que é o cinema.

3. ANÁLISE DOS RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pouca participação dos familiares foi o fato marcante, negativamente, durante as atividades. Os motivos para a ausência não puderam ser constatados com precisão. Em conversas com os alunos, em grupos e também, com alguns, de forma individual algumas causas foram levantadas, mas a observação, na prática, encontrou discordância nas justificativas apresentadas.

A alegação inicial dos alunos relacionada à origem dos filmes escolhidos (cinema nacional) foi mantida até ao final das apresentações. Na prática, porém, os espectadores que compareceram não comprovaram essa versão, pois quando tiveram a oportunidade de escolherem entre um filme nacional e um estrangeiro, fizeram a opção pelo nacional. Entretanto, como o número de participantes, desde o início, foi reduzido e a justificativa, por parte dos alunos, se manteve, conclui-se que esse foi, de fato, um dos fatores que influenciaram na ausência, uma vez que os que não queriam ver filmes nacionais não compareceram para confirmarem tal versão e nem mesmo retornavam os bilhetes (convites). A confirmação de que esse possa ter sido um dos motivos da ausência resume-se à fala dos próprios estudantes. Como foi uma das justificativas mais recorrentes, acredito que, ainda que não tenha sido o motivo principal, teve peso significativo.

O desconhecimento, por parte dos espectadores, do filme a ser exibido, que também foi uma das justificativas mais apresentada pelos alunos, também não se confirma plenamente, pois a partir da terceira sessão os convites indicavam a lista de filmes que poderiam ser vistos e ainda davam a opção de escolha. Apesar disso a presença de pais ocorreu de forma tímida e a devolução dos convites, inclusive com a negativa de participação, continuou decrescendo.

Sei que vários estudantes não entregam bilhetes aos pais, mas, pelo número de retorno e por conhecer os estudantes concluo que a maioria dos convites era entregue e que o não retorno da confirmação não estava relacionado aos alunos. Fica a dúvida, porém, se ao terem acesso à lista de filmes para a escolha os pais possam ter os considerado de baixo interesse. Isso, porém, são suposições e, nesse caso, retorna-se à justificativa mais apontada, ou seja, filme ruim, que não desperta interesse.

A exibição exclusiva para os pais, que também foi alegada por um número significativo de estudantes, foi outro fator que não se confirmou, pois já para a

segunda sessão programada os convites foram extensivos aos estudantes e, ainda assim, não houve comparecimento. Para todas as sessões seguintes os alunos também foram convidados, mas a presença continuou reduzida.

Alguns alunos alegavam, em suas justificativas, que as noites de quartas-feiras não favoreciam o comparecimento dos pais, uma vez que eles tinham compromisso com a igreja nesses dias. Das sete sessões marcadas, porém, duas aconteceram às sextas-feiras, mas nenhuma das famílias dos alunos que alegaram motivos religiosos compareceu. A religião pode ter tido sua parcela de contribuição na ausência dessas famílias, mas, certamente o dia das exposições não foi o fator preponderante.

Além das diversas justificativas, já citadas, apresentadas por alunos para a não participação de seus pais e deles próprios, durante o período em que o trabalho foi desenvolvido, foi possível fazer algumas observações e também coletar outras informações a partir do diálogo com os estudantes e também com os pais que compareceram e algumas delas têm que ser levadas em consideração.

As sessões foram sempre marcadas para as 19 horas. Quase sempre foram dados alguns minutos de tolerância. 19h e 15min era quando começava a exposição. Alguns dos participantes chegavam um pouco depois. Ouvi questionamentos sobre o horário; alguns o consideravam muito cedo e outros, muito tarde. Para quem trabalha até mais tarde e dependendo da distância do local de trabalho, pode ser difícil chegar à escola até as dezenove horas. Para os que têm que sair muito cedo de casa, ficar na escola até depois das 21 horas pode ser difícil por comprometer o período de sono.

Um grande número de pessoas desempenha uma carga horária de trabalho acima do recomendado. O período extenso de trabalho, aliado ao *stress* urbano faz com que essas pessoas cheguem ao final do dia, extenuadas. Um banho e a cama, para o merecido descanso, passam a ser o programa preferido à noite. Dirigir-se à escola para assistir a um filme, simplesmente por ter sido convidada, fica em segundo plano. Frequentar a escola do filho já não faz parte das atividades rotineiras de muitos pais, nem mesmo quando ocorre uma convocação. Ir à mesma para ver um filme, então deve ser uma tarefa árdua e incompreensível para muitos deles.

Considero que não se pode esperar das pessoas mais do que elas têm a oferecer. É preciso compreender que o que consideramos ser de fundamental importância para alguns, como acompanhar as atividades desenvolvidas por seus

filhos, bem como participar da vida escolar dos mesmos, pode não ter significância alguma para outros. Lidamos com uma diversidade grande de situações. Muitas vezes não encontramos, nas pessoas, o comportamento que esperamos delas. Fatos ou situações de grande relevância sob a ótica de uns, pode não ter a menor importância na visão de outros. A aprendizagem, tão valorizada por nós, professores, para alguns de nossos alunos e também para uma parcela de pais, não tem o mesmo valor.

O primeiro comunicado feito com os pais foi para tratar da Lei 13.006. Posteriormente outros comunicados também enfatizaram a referida lei. Nos momentos de conversa, sobretudo nos diálogos promovidos após a exibição de um filme, por várias vezes, reforçamos o aspecto da lei. Nenhum aluno e também nenhum pai, em momento algum, fez questionamento sobre ela e nem mesmo referência. Mesmo quando havia a insistência de que por se tratar de uma lei federal, uma alteração na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, as escolas teriam que se adaptar para oferecer aos estudantes a oportunidade de ver filmes nacionais, os pais não se manifestavam. Quando o debate se restringia ao filme e também às relações do mesmo com a vida cotidiana, havia participação. Mesmo que de forma limitada, os pais comentavam e opinavam. Quando se tratava de normas, porém, as opiniões, se é que existiam, não eram externadas. Por algumas vezes cheguei a questionar sobre a opinião acerca do tema, mas o silêncio se fazia. Depois de algumas tentativas se ouvia um e outro dizer, “bom, não sei”, isso mesmo para o questionamento, “O que você pensa sobre a lei?”. Foi possível perceber que os pais não se interessam muito pelas normatizações que regem o processo escolar de seus filhos.

A partir dessa constatação percebe-se que a difusão da cultura cinematográfica, ou simplesmente o hábito de se ver filmes, em nossa escola, não contará com a participação dos pais, simplesmente por haver uma lei. Eles poderão dar sua parcela de contribuição, caso sejam usadas outras estratégias. A oferta de um lanche ou o sorteio de um brinde, como um DVD, por exemplo, certamente terá mais força para motivar os familiares dos educandos que uma explanação sobre leis.

Ao final das atividades percebi que não importam as estratégias de aproximação. O importante é contar com a participação, ainda que de um número reduzido de pessoas. Receber um agradecimento pelo filme e/ou pelo lanche, pode

não ter grande importância, mas perceber o contentamento no rosto, principalmente de um aluno, é muito gratificante.

Temos a seguir algumas opiniões colhidas, escritas, na avaliação final do projeto.

- “Acho o projeto fantástico e vejo-o como um importante passo para fruição da arte cinematográfica pela comunidade e a aproximação da mesma com a escola.” **Diretora**
- “Acredito que o trabalho deve continuar em 2015, mas com algumas pequenas mudanças. O horário, por exemplo, acho que mais cedo seria melhor.” **Coordenadora**
- “Gostei muito do filme e acho que pode ajudar em muitas coisas na vida.” **Aluno**
- “Achei interessante. Gostei muito”. **Aluno**
- “Acredito que se deva cultivar a cultura pela arte (em nossa escola), bem como a participação da comunidade na escola. Você plantou, Cássio, a sementinha e tem que regá-la para que cresça e floresça.” **Coordenadora**
- “Muito bom o projeto. Acredito que este seja o início de um trabalho que estimule a participação efetiva das famílias na escola.” **Vice-diretora**
- “Deve ter continuação. Espero ser convidado mais vezes.” **Pai**
- “Considero o projeto muito bom. Acho que foi uma ótima ideia.” **Aluna**
- “Amei os filmes que vi. De todos os temas. A sugestão (opinião) é que tenha continuação. Parabéns, professor Cássio.” **Mãe**

Entre os participantes dois não deixaram considerações sobre o projeto. Responderam apenas às questões objetivas. O filme A Vida é Bela foi considerado como o melhor, por quatro pessoas. Abril Despedaçado também recebeu quatro votos. Narradores de Javé teve duas indicações e O Caminho da Nuvens, apenas uma.

Em relação à indicação para os adolescentes as opiniões tiveram semelhança às de melhor filme, mas uma pessoa considerou A Vida é Bela como sendo o melhor e indicou O Caminho das Nuvens como o mais adequado aos estudantes.

Todos se manifestaram favoravelmente à exibição de filmes na escola, sugerindo que o projeto tenha continuidade. Da mesma forma, todos consideraram que os filmes têm influência positiva no processo educacional.

Durante a realização do projeto, mais especificamente das atividades práticas, foi possível fazer algumas observações importantes. Mesmo com o curto período de trabalho, algumas ocorrências foram bem marcantes.

Como já foi citado, os familiares de nossos alunos têm pequena participação e presença na escola. Ultimamente, esforços têm sido feitos para aproximar família e escola e, conseqüentemente, reforçar a parceria no processo educacional. A participação dos pais em reuniões e em outros eventos na escola, tem aumentado, porém de forma lenta. Temos esperança de que a prática cineclubista possa dar sua parcela de contribuição nessa aproximação. Algumas experiências exitosas, como as que ocorrem no estado do Rio de Janeiro, com o projeto Cinema para todos²⁰ e também em Belo Horizonte, com o Cineclubes Sabotage²¹, na Escola Municipal Professora Alcida Torres, além de outras, reforçam essa expectativa.

O trabalho com o cinema destinado aos pais (familiares) teve duração de pouco mais de dois meses. Como pôde ser visto, houve um pequeno aumento da presença de participantes no decorrer desse período. Esse aumento, entretanto, foi pequeno se considerarmos um período de dois meses e quatro sessões efetivas, que foram as que, de fato, ocorreram, uma vez que as duas primeiras sessões marcadas não aconteceram por falta de expectadores e para a última, apenas os que tinham participado de alguma sessão, foram convidados.

Até a terceira sessão, efetiva, surgiu pessoas pela primeira vez, mas para as seguintes, apenas os que já tinham participado compareceram novamente. Além disso, embora o número de pais tenha aumentado no transcorrer do período, a presença de estudantes estava em queda, ou seja, nas últimas sessões o número de alunos foi menor. A evolução da presença reforça a ideia de que a construção da prática cineclubista, ou mesmo o hábito de se ver filmes, ocorrerá de forma lenta.

Apesar de os muitos pais que não devolveram os bilhetes; dos que devolveram, mas não se dispuseram em participar; dos que afirmaram que

²⁰ Projeto da Secretaria de Cultura em parceria com a Secretaria de Educação, do estado do Rio de Janeiro, que tem o objetivo de incentivar a formação cultural do público da rede estadual de ensino. Desde 2008, quando foi implantado, já levou ao cinema a mais de um milhão de pessoas.

²¹ O projeto promove o acesso à produção cinematográfica brasileira do circuito não comercial para a construção de uma cultura de cinema articulada à educação para os direitos humanos. Atuando desde 2009 na Escola Municipal Professora Alcida Torres, no Bairro Taquaril.

participariam, mas não apareceram, houve os que compareceram e participaram. Embora em número reduzido, considero que tiveram participação importante. Ao final dos trabalhos fiz, novamente, uma análise dos questionários respondidos inicialmente. Verifiquei que a família que mais esteve presente, tendo participado de três sessões, havia respondido que não participaria. Um aluno, depois de ter participado juntamente com seu pai, não deixou de comparecer em nenhuma outra sessão. Todos os que participaram do projeto demonstraram ter gostado, Alguns o defenderam com mais entusiasmo, outros de forma mais branda, mas nenhum foi contrário. Ao final as pessoas já se sentiam mais à vontade para se manifestarem, fazer comentários e emitir opiniões, sobre os filmes e também sobre as atividades desenvolvidas na escola. Nos primeiros encontros os participantes se manifestavam de forma mais contida. De maneira mais formal, demonstrando, às vezes, insegurança. Ao final do período era perceptível a maior desenvoltura dos participantes. Acredito que essa mudança se deu a partir de uma maior confiança e de um reconhecimento do trabalho desenvolvido.

Consideramos que, mesmo de forma lenta, o cinema pode ser um importante instrumento de aproximação entre família e escola. Foi possível constatar que durante um curto período, cerca de dois meses, a relação de parceria e cumplicidade entre família, professor e escola apresentou melhoras. Certamente a desconfiança, dos participantes, em relação ao uso do audiovisual como instrumento auxiliar no processo de escolarização foi reduzida.

A desconfiança que os alunos têm relacionada à presença dos pais na escola, certamente, foi um fator que contribuiu com a presença reduzida de pais. A presença dos pais na escola, como não é um hábito frequente. Quase sempre comparecem apenas quando são convocados por questões disciplinares de seus filhos, e, ainda assim, alguns só atendem depois de várias ocorrências. Diversos alunos quando recebiam o comunicado, destinado aos pais convidando-os para a sessão de cinema, sentiam-se preocupados. Como grande parte de nossos deles apresentam problemas de (in)disciplina, eram comuns os questionamentos, como: você vai falar de mim pra eles? Você vai contar que eu fiz isso e aquilo? É só filme ou é reunião com a coordenadora? Essas questões mostravam que alguns alunos não atuavam junto aos pais para que eles participassem das sessões. Alguns, certamente, não entregavam o convite, mas muitos dos que entregavam, não reforçavam esse convite, pela temeridade de que o momento fosse aproveitado para relatar, aos pais,

atitudes de indisciplina ou desrespeito cometidas por eles. Embora eu sempre alertasse que essas questões não seriam discutidas naquele dia, sei que vários não acreditavam, considerando ser mais seguro a ausência dos pais.

Sempre usei os audiovisuais como uma extensão das aulas, um prenúncio das mesmas ou uma complementação, ou seja, sempre usei o vídeo como um auxiliar ou recurso didático na construção do conhecimento sobre algum tema. Para o projeto, como o objetivo principal não era o da aprendizagem, mesmo porque estava sendo direcionado principalmente aos familiares, não havia essa preocupação. É claro que os filmes escolhidos têm cunho educacional, mesmo porque objetivava mostrar aos pais que o cinema pode ser usado no processo de ensino, mas não havia, nem mesmo para os alunos, a obrigação de relacionar o filme com os conteúdos escolares. Desde o início os alunos foram alertados de que as sessões de cinema, embora comentadas, deveriam ser vivenciadas como um momento de lazer. Procurei conscientizá-los de que, nem mesmo a participação nos debates, após o filme, eles teriam a obrigação de participar. Dizia-lhes que não se tratava de aula, mas, apenas diversão. Mesmo com as diversas orientações, as perguntas relacionadas à realização de trabalho sobre o filme eram constantes. Sei que os alunos demoraram a acreditar que não teriam tarefas a serem cumpridas. Sempre fui muito exigente e enérgico em relação às atitudes dos alunos em sala de aula e em outros ambientes onde os acompanho. Certamente eles tiveram dificuldade para entender que eu estava coordenando uma atividade, na escola, na qual eles não teriam obrigações a serem cumpridas.

No transcorrer do projeto um aluno confidenciou à coordenadora que havia gostado do filme, mas o ponto mais importante para ele, o que ele mais gostou foi de ter visto um filme na companhia de seu pai. O contentamento pôde ser observado também em outros estudantes. Como já foi citado, todos os que tiveram participação sequencial apresentaram aspectos sociais positivos. A desinibição nos debates sobre os filmes e também um comportamento de maior participação nas aulas, por parte dos alunos, pôde ser percebido. Mesmo com um número reduzido de participantes o caráter social do projeto merece ser ressaltado. Certamente a cultura cinematográfica na escola trará sua parcela de contribuição, não só na aproximação entre família e escola, como também na melhoria do relacionamento entre os participantes.

BIBLIOGRAFIA

CARVALHAL, Fernanda Caraline de Almeida. LUZ, CÂMERA, EDUCAÇÃO! O Instituto Nacional de Cinema Educativo e a formação da cultura áudio-imagética escolar. 311 p. 29/02/2008. Dissertação - UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <http://portal.estacio.br/media/3485752/fernanda-caraline-completa.pdf>

MIGLIORIN Cesar. Deixem essas crianças em paz: O mafuá e o cinema na escola. In: Catálogo de 18º Festival de Filme Documentário e Etnográfico – Forum de Antropologia e Cinema. Belo Horizonte: Associação Fílmica de Quintal, 2014.

PARAÍSO, M. A. O currículo entre formas e forças: diferença, devir-artista da contadora de filmes e possibilidades de alegrias em um currículo. In: FAVACHO, A. M. P.; PACHECO, J. A.; SALES, S. R. (Orgs). Currículo, conhecimento e avaliação: divergências e tensões. Curitiba, CVR, 2013. 191 – 208.

PARAÍSO, M. A.; SANTOS, L. Dicionário crítico da educação: Currículo. Presença Pedagógica, v.2, n.7. Belo Horizonte: Dimensão, jan./fev., 1996.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. Ler escrever e fazer conta de cabeça – 6. Ed. – São Paulo: Global, 2004.

FILMOGRAFIA

ABRIL Despedaçado. Direção: Walter Salles. Imagem Filmes, Brasil, 2001. 1 DVD, (95 min), NTSC, color.

A VIDA é Bela. Direção: Roberto Benigne. Miramax Films e Mário & Vittorio Gori. Produção: Melampo Cinematográfica, Itália, 1999, 1 DVD, (116 min), NTSC, color.

A HISTÓRIA das Coisas. Direção: Annie Leonard. EUA, 2007, (20 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q3YqeDSfdk>. Acesso em: 04/12/2014

DEUS é Brasileiro. Direção: Carlos Diegues. Colúmbia Tristar Filmes do Brasil, 2003. 1 DVD, (110 min), NTSC, color.

HOTEL Ruanda. Direção: Terri George. Produção: Terri George e A. Kitman Ho, Reino Unido, Itália, EUA e África do Sul, 2004, (103 min), NTSC, color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dhQJpX27AdQ> – Acesso em 12/09/2014

ILHA das Flores. Direção: Jorge Furtado. Brasil, 1989, (11 min) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KAZhAXjUG28> . Acesso em: 04/12/2014

MENINO de Carvão. Direção: Paulo Fran. Brasil, 2009, (31 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0_KZ6lX4WY0. Acesso em: 04/12/2014

NARRADORES de Javé. Direção: Eliane Caffé. Produção: Bananeiras Filmes, Brasil, 2003. 1 DVD, (102 min), NTSC, color.

O CAMINHO das Nuvens. Direção: Vicente Amorin. Lucy e Luis Carlos Barreto, Miravista e Globo Filmes, Brasil, 2003. 1 DVD, (87, min), NTSC, color.

VIDAS Secas. Direção: Nelson Pereira dos Santos; Produção Herbert Richers, Luiz Carlos Barreto e Danilo Trelles, Brasil, 1963. p&b. 103 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eSJe5Om17m4> – Acesso em: 10/10/2014

APÊNDICES

1. CARTA INICIAL ENCAMINHADA AOS PAIS



ESCOLA MUNICIPAL MARIA DA ASSUNÇÃO DE MARCO

Aparecida Alves de Oliveira (Diretora)

Cristina Guimarães (Coordenadora pedagógica)

Antônio Cássio de Oliveira (Professor de Geografia e responsável pelo Projeto de intervenção pedagógica na área de Educação e Cinema)

Senhores pais ou responsáveis

No dia 27 de junho de 2014, foi publicada no Diário Oficial da União, a Lei nº 13.006 sancionada pela presidente Dilma Rousseff, que torna obrigatória a exibição de filmes e/ou audiovisuais de produção nacional nas escolas de ensino básico. O tempo de exibição deverá ser de, no mínimo, duas horas mensais. A norma altera o artigo 26 da Lei 9.394, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. A exibição de filmes nacionais constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola. O autor do projeto (PSL 185/2008) senador Cristovam Buarque, argumentou que a arte deve ser parte fundamental do processo educacional. A partir da regulamentação da lei os alunos passarão a contar com essa arte, que pode ser também um instrumento pedagógico, no currículo escolar.

O cinema e os audiovisuais já fazem parte, das atividades desenvolvidas nas escolas. Os audiovisuais são usados para ilustrar situações e também em momentos de recreação. O que difere na lei promulgada é que a exibição passará a ser obrigatória e as produções (os filmes) exibidas deverão ser nacionais. Certamente a universalização dessa obrigatoriedade ainda demorará certo tempo, uma vez que diversas escolas públicas não têm os equipamentos necessários para implementá-la, mas sendo lei, ela deverá acontecer.

Em nossa escola já desenvolvemos algumas atividades relacionadas ao cinema. Os alunos veem vários audiovisuais na escola e por vezes já se deslocaram até o cinema para assistir a algum filme.

O Professor Cássio está cursando, em nível de pós-graduação, Educação e Cinema, especialização que tem por finalidade dar subsídio ao profissional para que o uso do cinema (audiovisual) seja utilizado de forma sistematizada e proveitosa pelos estudantes.

Nas próximas semanas estaremos realizando alguns encontros em nossa escola, no período noturno, destinada aos pais dos estudantes (ou os responsáveis por eles), em que faremos a exibição de alguns filmes. Inicialmente trabalharemos com os pais (responsáveis) dos alunos das turmas 305 e 309. Dando início à essas atividades, solicitamos que o questionário que se encontra em anexo seja respondido e devolvido para que possamos organizar os encontros.

Esta página pode ser destacada e apenas as do questionário, devem ser devolvidas. Solicitamos que, por gentileza, responda as questões, mesmo que não tenha a disponibilidade para participar dos encontros e assistir aos filmes.

Desde já agradecemos pela participação e pela colaboração.

2. QUESTIONÁRIO INICIAL

Nome do aluno: _____ Turma: _____

1 - Grau de instrução do pai :

- Sem instrução
- Alfabetizado
- Ensino fundamental
- Ensino médio
- Ensino superior

1-1 Grau de instrução da mãe :

- Sem instrução
- Alfabetizada
- Ensino fundamental
- Ensino médio
- Ensino superior

1-2 – Grau de instrução do responsável (Responder apenas se o responsável não for os pais ou um dos pais e já não tenha respondido às questões acima. Nesse caso indique aqui o grau de parentesco (avô, avó, tio, tia, outro)):

- Sem instrução
- Alfabetizado
- Ensino fundamental
- Ensino médio
- Ensino superior

2 – Qual sua opinião sobre o uso do cinema (audiovisuais) na escola (pai)?

- Indiferente. Não tenho opinião a esse respeito.
- Considero que pode ser importante para a aprendizagem.
- Acredito que sirva apenas para diversão (passa-tempo).
- É importante para a aprendizagem e como diversão
- Não concordo com o seu uso na escola.

Caso tenha outra resposta, por favor, escreva-a aqui. _____

2-1 – Qual sua opinião sobre o uso do cinema (audiovisuais) na escola (mãe)?

- Indiferente. Não tenho opinião a esse respeito.
- Considero que pode ser importante para a aprendizagem.
- Acredito que sirva apenas para diversão (passa-tempo).
- É importante para a aprendizagem e como diversão
- Não concordo com o seu uso na escola.

Caso tenha outra resposta, por favor, escreva-a aqui. _____

2-2 – Qual sua opinião sobre o uso do cinema (audiovisuais) na escola (outro)?

Responder apenas se o responsável for outro. **Quando pai e mãe ou um deles tenha respondido essa questão pode ficar em branco.**

- Indiferente. Não tenho opinião a esse respeito.
- Considero que pode ser importante para a aprendizagem.
- Acredito que sirva apenas para diversão (passa-tempo).
- É importante para a aprendizagem e como diversão
- Não concordo com o seu uso na escola.

Caso tenha outra resposta, por favor, escreva-a aqui. _____

3 – O Cinema faz parte das atividades recreativas, cotidianamente, da família?

- Sim
- Não

3-1 – A família, incluindo o (a) estudante, costuma ver filmes:

- No Cinema, semanalmente
- No Cinema, mensalmente
- No Cinema, ocasionalmente
- Na televisão e, às vezes, no cinema
- Não temos o hábito de vermos filme

3-2 – Quando assistem aos filmes, veem:

- Simplesmente como recreação
- Como instrumento de auxílio em algumas questões da vida cotidiana
- Com finalidades de aprendizagem
- Não vemos filmes
- Outras. (Relacione a finalidade) _____

4 – Nos próximos dias iniciaremos as sessões de cineclube (exibição dos filmes na escola). Deverão acontecer três ou quatro encontros, sempre às quartas-feiras. Os convites serão enviados oportunamente. Gostaríamos, porém, de saber sobre a disponibilidade de comparecimento aos eventos. **Responda de acordo com essa disponibilidade, lembrando que suas presenças serão de grande importância para o desenvolvimento do nosso trabalho e para a aprendizagem de nossos alunos.**

- Estamos dispostos a participar. Os dois responsáveis comparecerão
- Participaremos, mas não em todos os encontros
- Apenas um dos responsáveis poderá participar
- Gostaríamos de participar, mas outras atribuições nos impedem
- Não estamos dispostos a participar

Caso tenha outra resposta, por favor, escreva-a aqui: _____

4. QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DO PRIMEIRO FILME EXIBIDO

ESCOLA MUNICIPAL MARIA DA ASSUNÇÃO DE MARCO

Cinema na Escola – Data: ___/ 10/ 2014

Aluno: _____

Responsável pelo(a) aluno _____

1) No sentido recreativo (da diversão) você considera o filme visto hoje:

- Muito bom
- Bom
- Razoável
- Ruim
- Muito ruim

2) No sentido pedagógico (de aprendizagem), ou seja, na capacidade de promover uma reflexão sobre valores e sobre outros temas relacionados à formação cidadã, o filme pode ser considerado:

- Muito bom
- Bom
- Razoável
- Ruim
- Muito ruim

3) Você considera que o filme visto pode ser prejudicial aos adolescentes (alunos do Terceiro Ciclo do Ensino Fundamental)?

- Sim. Por quê? _____
- Não. Por quê? _____

4) Você assistiria, em casa, a esse filme com sua família?

- Sim. Justifique _____
- Não. Justifique _____

5) Acrescente aqui alguma consideração sobre o filme, como, alguma temática que considera importante. Enfim, o espaço é seu. Manifeste sua opinião. Pode usar o verso da folha, se precisar. _____

5. QUESTIONÁRIO FINAL SOBRE OS FILMES E O PROJETO

Aluno: _____

Responsável: () Pai () Mãe () Avô () Avó () Tio(a) () Outro

Nos meses de setembro e outubro foram exibidos, no auditório da escola (EMMAM) alguns filmes, no período noturno, relacionados ao projeto Cinema na Escola. **Você assistiu a qual(is) filmes?**

- () Narradores de Javé
- () O Caminho das Nuvens
- () Abril Despedaçado
- () A Vida é Bela

Qual dos filmes você considerou melhor?

- () Narradores de Javé
- () O Caminho das Nuvens
- () Abril Despedaçado
- () A Vida é Bela

Qual dos filmes você considera mais apropriado ao público adolescente (aos nossos estudantes)?

- () Narradores de Javé
- () O Caminho das Nuvens
- () Abril Despedaçado
- () A Vida é Bela

Estamos pensando na possibilidade de darmos continuidade ao projeto no próximo ano. Haveria, mensalmente, a exibição de um filme longa-metragem, com uma divulgação mais ampla entre os estudantes e uma participação efetiva de seus familiares. **Qual sua opinião sobre essa ideia?**

- () Sou favorável
- () Não tenho opinião
- () Considera desnecessário

Sobre os curtas (filmes) vistos hoje, qual é a sua opinião?

- () Muito bom
- () Bom
- () Razoável
- () Ruim
- () Muito ruim

Você considera que esses vídeos:

- () tem influência positiva na educação
- () não têm influência na educação
- () tem influência negativa na educação
- () não pensei, ainda, sobre a influência dos mesmos na educação
- () não concordo com o uso de audiovisuais (filmes) no processo educacional

Muito obrigado pela sua participação

Deixe aqui suas considerações sobre o projeto, do qual você participou (a exibição de filmes na escola)

6. QUESTIONÁRIO DA ATIVIDADE SUPLEMENTAR DESTINADO AOS ALUNOS

ESCOLA MUNICIPAL MARIA DA ASSUNÇÃO DE MARCO

Atividade relacionada ao filme Deus é Brasileiro (18/11/2014) Turmas 305 e 309

Nome:..... Turma:.....

Com base no filme, responda:

- 1 – Deus precisava tirar férias. Para ocupar seu lugar, no período de seu afastamento, decidiu procurar, no Brasil, um santo. Em quais regiões do Brasil e em quais estados acontece essa procura?
- 2 – Duas pessoas acompanham Deus durante sua procura de um santo. Qual eram os nomes das pessoas que o acompanharam?
- 3 – Qual era o maior interesse do rapaz ao acompanhar Deus durante sua procura pelo santo?
- 4 – Qual era a índole dos acompanhantes de Deus e como era o relacionamento pessoal entre o grupo e com os demais integrantes da história?
- 5 – No percurso de Deus e seus guias (acompanhantes) muitas paisagens são vistas. Qual tipo de paisagem predomina nesse cenário?
- 6 – Qual é o nome do personagem procurado por Deus para ocupar o seu lugar?
- 7 – Em qual momento da procura Deus se sente mais feliz e qual é sua reação?
- 8 – Qual tipo de transporte foi usado no percurso de Deus e seus acompanhantes na procura pelo santo?
- 9 – Em qual estado brasileiro Deus encontra Quinca das Mulas e quais eram as características pessoais desse personagem?
- 10 – Qual sua opinião sobre o filme visto? Você considera que ele contribua no estudo de algum tema relacionado aos conteúdos escolares? Quais?

ILUSTRAÇÕES



FIGURA 1: Pais e alunos assistindo ao filme, Narradores de Javé



FIGURA 2: Pais e alunos assistindo ao filme, Narradores de Javé



FIGURA 3: Pais e alunos assistindo ao filme, Narradores de Javé
(Pipocas sendo oferecidas)



FIGURA 4: Pais e alunos assistindo ao filme, Narradores de Javé



FIGURA 5: Exibição do filme, Abril Despedaçado

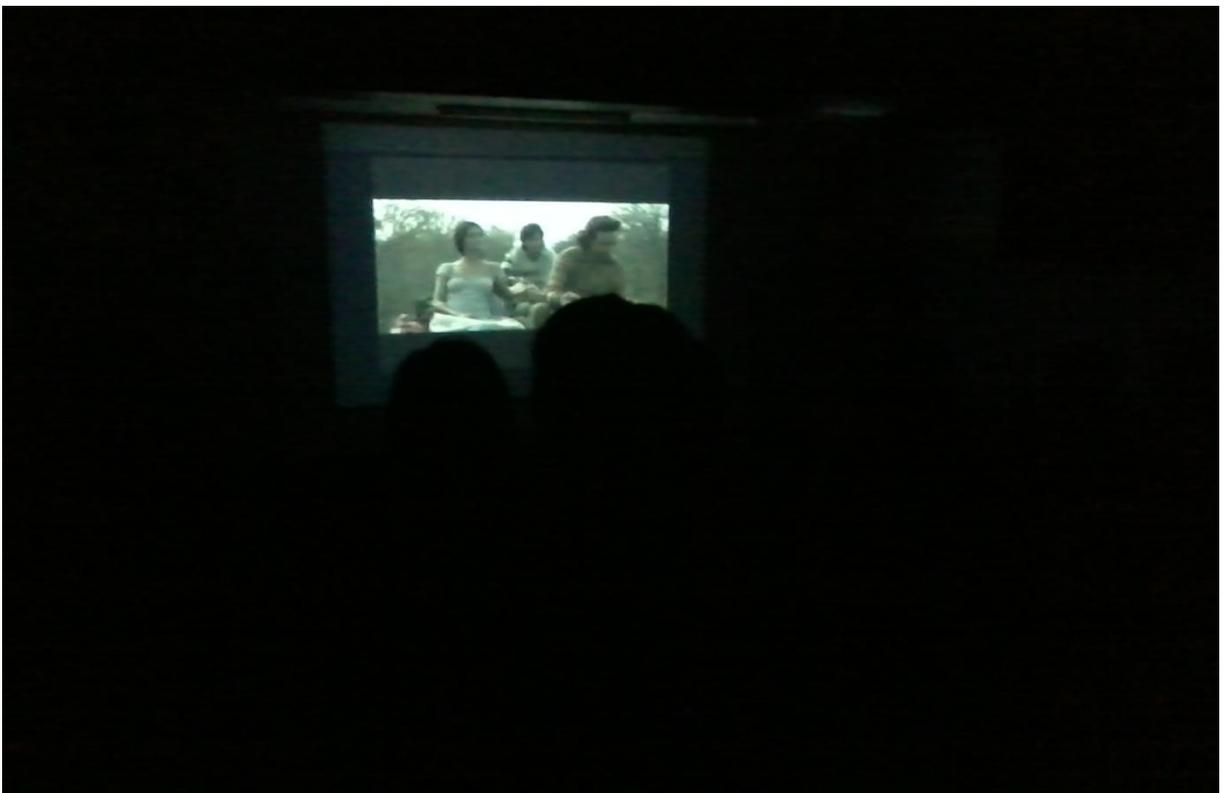


FIGURA 6: Exibição do filme, Abril Despedaçado



Figura 7: Imagens da exibição do filme, Menino de Carvão



FIGURA 8: Lanche oferecido aos participantes no encerramento das atividades